

MARQUEZ JONNI ORTEGA PADILHA

**FORMAÇÃO DE JOVENS PARA A COESÃO SOLIDÁRIA
SEGUNDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL: O Caso da
Unidade Paulo VI**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE-MS
2007**

Ficha Catalográfica

Padilha, Marquez Jonni Ortega.

Formação de jovens para coesão solidária segundo o desenvolvimento local: o caso da Unidade Paulo VI/ Marquez Jonni Ortega Padilha; orientador Vicente Fideles de Ávila. Campo Grande, 2007.

126 f. : 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local.

Orientador: Vicente Fideles Ávila.

Inclui bibliografia.

1. Formação salesiana 2. Coesão solidária 3. Desenvolvimento local I. Ávila, Vicente Fideles II. Título

CDD – 271.789

**FORMAÇÃO DE JOVENS PARA A COESÃO SOLIDÁRIA
SEGUNDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL: O Caso da
Unidade Paulo VI**

MARQUEZ JONNI ORTEGA PADILHA

**FORMAÇÃO DE JOVENS PARA A COESÃO SOLIDÁRIA
SEGUNDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL: O Caso da
Unidade Paulo VI**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para a obtenção do **Título de Mestre** em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico, sob a orientação do **Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila**.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL.
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE-MS
2007**

“[...] a marca da diferença do humano dentro do mundo: o tempo o constitui em sua essência. Os animais têm espírito e têm um ‘princípio vital’, mas não ‘irão’. Os da terra são da terra; os do céu, do céu. Só os humanos estão entre a terra e o céu, o passado e o futuro; só eles não ‘morrem de verdade’ [pois transformam o seu meio e se transformam]”

(Eduardo Viveiros de Castro, 2002)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila - Orientador

Prof. Dr. Milton Mariani

Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel

Dedicatória

Ao *Teodoro Padilha*, meu pai, que há tanto tempo vem acompanhando minha vida, meu desenvolvimento humano.

A minha cunhada *Dra. Luciana Xavier*, psicóloga, que faz um lindo trabalho de desenvolvimento humano-cristão e social na comunidade de Corumbá.

Ao meu irmão *Willian Zimi Ortega*, Engenheiro Elétrico, que sempre apoiou e acredita no meu trabalho social, religioso e cristão.

Aos meus sobrinhos, *Giuliana e Fabrizio*, parceiros de grande alegria, filhos de Luciana e Willian, que contribuíram nos momentos mais difíceis, a alegria de viver.

Aos meus *Irmãos Salesianos*, que apoiaram e mantém contatos benéficos no desenvolvimento local.

Enfim, a toda *Família Salesiana* que contribuiu em minha pesquisa e compartilhou dos benefícios que o Desenvolvimento Local promove no contexto social.

AGRADECIMENTO

A *Deus*, que me deu o dom de ser somente “Eu-humano”, instrumento de paz e amor.

Ao *Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila*, pela dureza e presteza, paciência e bondade, humildade e competência na orientação deste trabalho, seu exemplo motivou minha aprendizagem pelo Desenvolvimento Local e pela vocação salesiana.

Ao *Padre José Marinoni*, meu Diretor e Reitor desta Instituição, UCDB, que soube atender meus apelos de tempo e pude, assim, trabalhar neste projeto de pesquisa e dissertação.

Ao *Padre Jair Marques*, Pro-Reitor Acadêmico da UCDB, sua confiança e ternura motivou minhas angústias a se tornarem significativas no meu projeto, assim também acompanhou os momentos difíceis da minha vida e história espiritual e salesiana.

Aos meus *amigos... e amigas...* que contribuíram nesta tarefa árdua de dissertação, meu muito obrigado por tudo que fizeram e que Deus recompense sempre suas vidas.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido por meio de Pesquisa Qualitativa, Observação, análise documental, entrevistas semi-estruturadas com os jovens que desenvolvem e que se envolvem no trabalho de formação na Unidade Paulo VI, que é Instituição não governamental, filial da Missão Salesiana de Mato Grosso-MSMT, situa no Bairro Santo Antônio, município de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. A Metodologia utilizada contou com uma casuística em que participaram 19 grupos da Pastoral Jovem, na faixa etária de 14 a 18 anos. Foram solicitadas autorização da instituição; dos responsáveis; e do pesquisando, para a aplicação da entrevista semi-estruturada, conforme Modelo autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Neste sentido, este estudo propôs demonstrar que as características dos conceitos referentes ao Desenvolvimento Local-DL possuem similaridades com os princípios de formação para Coesão Solidária, instrumento educacional proposto na Unidade Paulo VI. Foi possível confirmar que o objetivo desta Unidade consiste em dar oportunidade aos seus participantes em serem protagonistas, atores de um processo que leva à integração das camadas pobres e ricas. Analisando os princípios do Desenvolvimento Local e da Coesão Solidária, ambos foram descritos e comparados. Corresponderam de forma similar os conceitos básicos de coesão e solidariedade; coesão solidária e Desenvolvimento Local. Os princípios do Desenvolvimento Local e a base teórica da formação pedagógica salesiana, inspirada e vivenciada pela vida e obra de Dom Bosco, foram analisados de acordo com a literatura compulsada. Os resultados confirmaram que os princípios educativos de Dom Bosco, na promoção da inter-relação dos aprendizes em prol do aprimoramento e desenvolvimento de trabalhos, visam ao compromisso com o próximo e com o local, o que coaduna com os princípios do Desenvolvimento Local.

Palavras-chave: Formação Salesiana; Desenvolvimento Local; Coesão Solidária.

ABSTRACT

The study in hand was developed by way of Qualitative Research, Observation, documental analysis, semi-structured interviews with young people who develop and are involved in the work of character training in the Paulo VI Unit, which is a non-governmental Institution, a branch of the Salesian Mission of Mato Grosso – MSMT, located in the Santo Antônio neighborhood of Campo Grande, the capital of South Mato Grosso. The Methodology used counted on a casuistry in which 19 groups participated from the Pastoral Youth Group, from 14 to 18 years of age. Authorization was requested from the institution; of those responsible; and of those being researched, for the application of the semi-structured interview, according to the Model authorized by the Committee of Research Ethics. In this way, this study proposed demonstrating that the characteristics of the concepts which refer to Local Development – LD possess similarities to the principles of training for Mutual Cohesion, the educational instrument proposed in the Paulo VI Unit. It was possible to confirm that the aim of this Unit consists of giving opportunity to its participants of being protagonists, actors in the process that leads to the integration of the upper and lower classes. The principles of Local Development and of Mutual Cohesion, were described and compared. They corresponded in a similar way to the basic concepts of cohesion and solidarity; mutual cohesion and Local Development. The principles of Local Development and the theoretical basis of Salesian pedagogical training, inspired and lived out by the life and work of Dom Bosco, were analyzed according to the literature consulted. The results confirmed that the educational principles of Dom Bosco, in the promotion of the inter-relationships of learners in favor of improvement and the development of studies, have in mind the obligation to one's neighbor and to the locale, which is in harmony with the principles of Local Development.

Key words: Salesian Training; Local Development; Mutual cohesion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conhecimento do trabalho desenvolvido na Unidade Paulo VI.....	93
Quadro 2 – Visão da formação de jovens e adultos na Unidade Paulo VI.....	94
Quadro 3 – Participação grupal na Unidade Paulo VI	96
Quadro 4 – Formação salesiana para a solidariedade.....	98
Quadro 5 – Participação na Paróquia	99
Quadro 6 – Participação e trabalho	101
Quadro 7 – Formação religiosa	102
Quadro 8 – Trabalho no Oratório	103
Quadro 9 – Experiência no Oratório	105
Quadro 10 – Trabalho de formação desenvolvido no Oratório	107
Quadro 11 – Estudo realizado na Escola Estadual Rui Barbosa	108
Quadro 12 – Participação de Jovens e Professores na Unidade Paulo VI.....	109
Quadro 13 – Formação para a solidariedade na escola	111
Quadro 14 – Pontos positivos da Unidade Paulo VI	112
Quadro 15 – Pontos negativos da Unidade Paulo VI.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	18
1.1 ESSÊNCIA CONCEITUAL DE GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL (DL)	18
1.1.1 Globalização	22
1.1.2 Caracterização das dimensões causa-efeito da globalização	23
1.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL	34
1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL E FORMAÇÃO	54
1.4 FORMAÇÃO DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO	54
1.5 COESÃO E SOLIDARIEDADE	64
1.5.1 Coesão Solidária em DL.....	65
1.5.2 Coesão Solidária vista pela doutrina salesiana	66
1.5.3 Relação entre ambas e suas convergências	68
CAPÍTULO 2 - HISTÓRICO E PRINCÍPIOS DA “UNIDADE PAULO VI”	72
2.1 Dom Bosco – Vida, Obra e Oratório	72
2.2 Identidade do Salesiano Coadjutor: O Mestre	76
2.3 Histórico e Princípios da “Unidade Paulo VI”	80
2.4 Síntese Histórico-Cronológica da Unidade Paulo VI.....	85
CAPÍTULO 3 - RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO DA UNIDADE PAULO VI E A COESÃO SOLIDÁRIA SEGUNDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL	92
3.1 Questão 1 – Desde quando conhece o trabalho desenvolvido no Paulo VI.....	93
3.1.1 Quadro de respostas	93
3.1.2 Comentários	93
3.2 Questão 2 - Como vê a Formação dos Jovens e adultos nesta Obra	94
3.2.1 Quadro de respostas	94
3.2.2 Comentários	95

3.3 Questão 3 – Participou de algum grupo e como foi o envolvimento e trabalho ...	96
3.3.1 Quadro de respostas	96
3.3.2 Comentários	97
3.4 Questão 4 – Os Salesianos formam para a Solidariedade	98
3.4.1 Quadro de respostas	98
3.4.2 Comentários	98
3.5 Questão 5 – Como é a participação na Paróquia	99
3.5.1 Quadro de respostas	99
3.5.2 Comentários	100
3.6 Questão 6 – Participa de algum grupo, qual e como é o trabalho	101
3.6.1 Quadro de respostas	101
3.6.2 Comentários	101
3.7 Questão 7 – Como é a formação religiosa	102
3.7.1 Quadro de respostas	102
3.7.2 Comentários	103
3.8 Questão 8 – Como é o trabalho do Oratório?	103
3.8.1 Quadro de respostas	103
3.8.2 Comentários	104
3.9 Questão 9 – Participou alguma vez do Oratório? E como foi esta experiência?...	105
3.9.1 Quadro de respostas	105
3.9.2 Comentários	106
3.10 Questão 10 – Como vê o trabalho de formação desenvolvido no Oratório.....	107
3.10.1 Quadro de respostas	107
3.10.2 Comentários	108
3.11 Questão 11 – Estudou na escola Rui Barbosa?	108
3.11.1 Quadro de respostas	108
3.11.2 Comentários	109
3.12 Questão 12 – Como é a participação dos jovens e professores?	109
3.12.1 Quadro de respostas?	109
3.12.2 Comentários	110
3.13 Questão 13 – Como é a formação para a Solidariedade	111
3.13.1 Quadro de respostas	111
3.13.2 Comentários	112
3.14 Questão 14 – Pontos Positivos	112
3.14.1 Quadro de respostas	112
3.14.2 Comentários	113
3.15 Questão 15 – Pontos Negativos	113
3.15.1 Quadro de respostas	113

3.15.2 Comentários	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE	125

INTRODUÇÃO

A Obra Paulo VI é uma Instituição não governamental, filial da Missão Salesiana de Mato Grosso-MSMT, situa no Bairro Santo Antônio, município de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Dom Bosco, fundador dos salesianos, baseou seus princípios educativos na promoção da inter-relação dos aprendizes em prol do aprimoramento e desenvolvimento de trabalhos que visassem ao compromisso com o próximo e com o local (CASTRO, 1999), o que coaduna com os princípios do Desenvolvimento Local-DL.

Como Salesiano Coadjutor (Mestre)¹, participe da vida e filosofia de Dom Bosco, após a formação em Pedagogia, que motivou o ponto de partida ao olhar mais detalhado no contexto em que estava inserido, em uma das obras salesianas em Poxoreu chamada Centro Juvenil, vislumbrei a continuidade dos estudos, por meio da pesquisa no Mestrado em Desenvolvimento Local, que foi a causa da inserção na formação Strictu Senso.

Quando, de posse da experiência no Centro Juvenil e do interesse em desvendar o carisma de Dom Bosco no processo de desenvolvimento humano e social, foi possível analisar as mudanças intrínsecas e extrínsecas que ocorrem em um espaço aberto, onde os jovens de todas as classes se encontram para diversão, formação profissional e encontro com o divino, na espiritualidade salesiana.

Passados dois anos nesta Obra, o sentimento de que havia mais uma missão a cumprir e um estudo a fazer foi integrando ao trabalho nesta Obra Centro Juvenil, na descoberta da importância de resgatar e fazer estudo de campo em uma das obras

¹ No segundo capítulo está descrito o significado desta opção de vida.

salesianas que desenvolve, com a juventude, um trabalho rico de expressões que levam o ser humano para Deus e para a competição do trabalho na vida comunitária e social.

A justificativa da investigação pautou-se na dimensão formativa da unidade Paulo VI - MSMT ao longo de seus quase 40 anos de existência, sua criação em 1971. Como questão norteadora, indaga-se: a Unidade pode ser convergente ou divergente em relação ao princípio da Coesão Solidária, segundo a teoria do Desenvolvimento Local? A resposta para esta questão permeia o trabalho em tela.

E os objetivos da pesquisa para responder a essa questão se constituíram em: identificar e analisar princípios, maneiras e reflexos da atuação formativa da Unidade Paulo VI - MSMT; comparar esta formação aos princípios da coesão solidária em Desenvolvimento Local, identificando os fatos e sinais de convergência e/ou de divergência entre o que vem fazendo a Unidade em prol da Coesão Solidária.

A Metodologia utilizada contou com dinâmica em que participaram 19 grupos da Pastoral Jovem, na faixa etária de 14 a 18 anos, da Unidade Paulo VI. Este estudo foi desenvolvido por meio de Pesquisa Qualitativa, pois a abordagem foi sistêmica, uma vez que os fenômenos foram interpretados pela inter-relação e interdependência entre variáveis originadas do método da Observação, com “visitas in loco”, análise documental e entrevistas semi-estruturadas com os jovens que desenvolvem e se envolvem no trabalho de formação na Unidade Paulo VI.

Foram aplicados questionários objetivando a análise e interpretação dos discursos da população alvo. Os dados coletados foram categorizados e analisados de acordo as condições favoráveis ou limitantes, assim como as interferências de uma situação sobre outra. Foram verificadas as estruturas de organização da comunidade salesiana naquele local e a evolução/desenvolvimento da formação e dos jovens em suas experiências na comunidade.

Foram solicitadas autorização da instituição; dos responsáveis; e do pesquisando, para a aplicação da entrevista semi-estruturada, conforme Modelo autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Portanto, a visão histórica do Sistema Preventivo e a formação dos salesianos e leigos continuam aprimorando e integrando ao sistema pedagógico um novo rumo de trabalho com os jovens para a sua formação integral: formar bons cristãos e honestos cidadãos.

A pesquisa abrange três capítulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro aborda as referências teóricas que embasam e integram uma reflexão sobre o processo de desenvolvimento local; o segundo destaca a história e princípios da Unidade Salesiana Paulo VI, cuja criação remonta o século passado; e o terceiro dimensiona as informações sobre maneiras de atuação e reflexos na Unidade Paulo VI. Na seqüência, pode-se observar as considerações finais e referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, estaremos integrando a reflexão referente ao aspecto humano, cristão e social, para analisar a teoria do Desenvolvimento Local, que aponta para seus aspectos fundamentais: a competência e a capacidade que se avança para novos rumos de uma educação qualificada; e com discernimento, cultura e solidariedade é que se constrói uma comunidade local. Posteriormente, serão levantados os referenciais teóricos da Formação Salesiana, seus princípios, metas e objetivos, bem como a estrutura formativa que se pretende dos salesianos consagrados, e o reconhecimento dos leigos e dos cooperadores como pessoas qualificadas pelo carisma e espiritualidade salesiana. Este reconhecimento será analisado sob a ótica de suas opções, referenciadas na terminologia e na vivência do sujeito salesiano, na intensidade de sua entrega aos desígnios professados na obra de Dom Bosco e nas raízes profundas de suas intuições (VIGANÓ, 1995).

1.1 ESSÊNCIA CONCEITUAL DE GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL (DL)

As populações têm sido representadas pelos líderes mais escutados do planeta. Destacaram que o século XXI se abriu com uma exigência fundamental: como

compatibilizar globalização econômica e crescimento tecnológico com equidade e desenvolvimento humano para todos? (KLIKSBURG, 2000).

Os avanços científico-tecnológicos das últimas décadas têm sido excepcionais. Numerosos campos têm desenvolvido em pouco tempo até limites totalmente imprevisíveis nas fronteiras tecnológicas. Em áreas como das comunicações, informática, robótica, biotecnologia, genética, e muitas outras, a taxa de inovação não reconhece precedentes em profundidade e velocidade. A capacidade conseqüente de produção de bens e serviços tem se multiplicado continuamente, e por sua vez tem aberto variedades em novos terrenos para a implementação de vários setores. Tudo tem ocorrido ao mesmo tempo em que a economia mundial vem modificando-se sob o impetuoso processo de globalização. A expansão acelerada dos grandes conglomerados empresariais internacionais, sua tendência à fusão e à concentração, sua operação estratégica regional, intercontinental e planetária deixa de lado os cálculos nacionais, que têm modificado os parâmetros básicos do funcionamento das economias.

O processo de globalização apresenta imensas potencialidades de desenvolvimento tecnológico e melhoramento dos níveis de competitividade e produtividade das unidades empresariais, porém, apresenta-se infinitamente complexo e contraditório em campos como a desocupação, a equidade, a pobreza e os problemas sociais em geral. Assim, como referiu o Secretário Geral da OIT, Juan Somavía (Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, 2000, p.7):

[...] la globalización destruye las industrias tradicionales y crea en consecuencia un aumento del número de desempleados superior al que los sectores industriales de tecnologías avanzadas son capaces de absorber. El resultado es la marginación de los trabajadores del mundo industrializado y también del menos desarrollado que no disponen de posibilidades para adaptarse a la nueva situación.

As cifras de pobreza têm aumentado significativamente em muitas realidades nacionais. A desigualdade tem alcançado níveis históricos e se expandido em numerosas esferas. Ao mesmo tempo em que os avanços na investigação em saúde, por exemplo, são prodigiosos, tem aumentado o número de pessoas que perdem a vida por enfermidades que cientificamente são compatíveis, porém, que não se controlam, por outras causas.

Segundo relatório do BID (1999), as enfermidades como a malária e o paludismo de populações pobres continuam, no entanto, por estar fora da lógica do mercado, que não obteria benefícios maiores, pouco se tem investido em sua investigação. Em outra área, a pobreza, e particularmente o desemprego juvenil, está incidindo em um crescimento acelerado da criminalidade, particularmente a criminalidade jovem, em diversas sociedades em desenvolvimento.

Este quadro global tem gerado uma infinidade de perguntas: como enfrentar os novos desequilíbrios? Como agir produtivamente em benefício do gênero humano com tão promissores avanços tecnológicos e produtivos? Que novas instituições e regras são necessárias?

A evolução da situação tem levado aos aspectos de debate do que deveria ser obrigação do Estado. Nos anos de 1980, esta discussão parecia fechada. Predominavam correntes de opinião que consideravam que o Estado e todas suas expressões eram “empecilhos” ao mercado. Que este solucionaria por si os problemas, e que o Estado deveria dismantelar-se e reduzir-se a sua mínima expressão. Estas visões vinham contra as idéias de que o Estado, por si só, poderia gerar o desenvolvimento, que foram características de décadas anteriores. Hoje, ambos extremos do pêndulo têm sido desmentidos pelos feitos concretos. Assim como foi errônea a concepção centrada na onipotência do Estado, a realidade tem demonstrado que o mercado tem grande potencial produtivo, porém, carente de regulações que podem gerar desequilíbrios de enorme

envergadura. Os registros sobre Desenvolvimento Humano, em 1999, do BID, põem em foco alguns deles:

Cuando el mercado va demasiado lejos en el control de los efectos sociales y políticos, las oportunidades y las recompensas de la mundialización se difunden de manera desigual e inicua, concentrando el poder y la riqueza en un grupo selecto de personas, países y empresas, dejando al margen a los demás. Cuando el mercado se descontrola las inestabilidades saltan a la vista en las economías de auge y depresión como la crisis financiera del Asia Oriental y sus repercusiones a escala mundial. Cuando el afán de lucro de los participantes en el mercado se descontrola, desafía la ética de los pueblos y sacrifica el respeto por la justicia y los derechos humanos.

O pêndulo tem girado de um extremo a outro. Ambos extremos têm produzido conseqüências muito discutíveis, e hoje se abrem novas perguntas sobre como conseguir um equilíbrio distinto entre Estado, mercado e sociedade civil, e o que se poderia julgar a respeito do Estado. As linguagens estão mudando. O Banco Mundial (1997) tem demonstrado o seu discurso sobre o Estado, que sem um Estado eficiente o desenvolvimento é muito difícil. Expressou: “sin un buen gobierno no hay desarrollo económico ni social”.

A noção de estado de bem-estar, aparentemente deslegitimada durante o providencialismo de mercado, está sendo reexaminada por outras perspectivas. Planeja-se a idéia de um estado de bem-estar produtivo, com a revisão das experiências de países que têm conquistado avanços nesta direção, obtendo, ao mesmo tempo, bons resultados econômicos e a manutenção de elevados equilíbrios sociais como os nórdicos e os países baixos.

Este trabalho se insere nesta situação, em que há mais perguntas que respostas, apontando basicamente a um plano da situação. Frente à magnitude dos desequilíbrios sociais presentes, particularmente no mundo em desenvolvimento, deseja-se colocar em foco alguns pontos que deveriam ser pensados ao se referir ao Estado, no campo do

desenvolvimento social. Propõe-se extrair lições dos erros cometidos nas últimas décadas, no movimento apresentado pelo pêndulo. Este capítulo será desenvolvido em três etapas de raciocínio. Em primeiro lugar, deseja-se construir um quadro sintético dos novos desafios de privações e inequidades que estão sendo planejados no âmbito mundial. Em segundo, serão pontuados os marcos deste quadro, que demonstrará experiências sobre como considerar e repensar como o Estado poderia ajudar a enfrentar estes desequilíbrios. Por último, serão apresentadas algumas conclusões sobre como avançar em direção deste perfil de Estado.

1.1.1 Globalização

As revoluções tecnológicas em curso têm variado os campos da produção mundial de bens e serviços, impulsionando sua ampliação. O comércio mundial, por sua vez, tem expandido o marco da internacionalização da economia, que prossegue em escala de inovações tecnológicas que criam novas possibilidades de satisfazer necessidades. No entanto, a crua realidade indica que, em seu conjunto, a situação tem evoluído neste sentido, bem denominado hoje, na fala popular, de “ganhadores e perdedores”. Alguns países têm recebido ingentes benefícios dos novos desenvolvimentos que estão ativamente incluídos nos mesmos e, por isso, há setores muito importantes que têm ficado à margem e, em diversos casos, têm sido golpeados em seus modos de sobrevivência e equilíbrio tradicionais, que pertencem ao vasto campo dos excluídos. Esta distância entre quem ganha e quem perde tende a crescer e o problema, em sua globalidade, tem sido eixo central e o mais importante e recente foro mundial, como, entre outros, os da World Trade Organization, Davos, UNCTAD, e há um clamor generalizado para que se busque a mais alta prioridade, e se consigam modos de enfrentá-lo.

Neste sentido, evidencia-se a continuação de algumas das múltiplas dimensões em que se expressa esta dualidade perdedores/ganhadores, inclusão/exclusão, que ocorre hoje no planeta.

1.1.2 Caracterização das dimensões causa-efeito da globalização

Segundo os dados do Banco Mundial (1998), quase 1,300 milhões de pessoas ganham menos de um dólar diário, vivendo em pobreza extrema. E 3,000 milhões, a metade da população mundial, têm um ganho que não excede os dois dólares diários, vivendo em situação de pobreza. Os pobres apresentam uma altíssima vulnerabilidade em termos de saúde. Carecem de elementos que são básicos para qualquer enfoque de saúde preventiva. Destes, 3,000 milhões não têm serviços de saneamento; 2,000 milhões carecem de eletricidade; e 1,300 milhões não têm água potável.

Estudos sobre esse último fator, vital para a vida, a água, indicam a magnitude das privações. A Comissão Mundial de Água (1999) informou que, em seu desespero para adquirir a água, os pobres a compram, pagando por ela, aproximadamente, doze vezes mais que os que pagam nos estratos médios e altos da sociedade. Em Lima, as famílias pobres pagam aos vendedores de água 20 vezes mais por metro cúbico que as famílias de classe média conectadas à rede de água corrente; em Jakarta, 60 vezes mais; em Karachi, 83. A água se converte, assim, em uma parte importante do mísero pressuposto dos pobres. Ela é 18% em Onitsha, Nigéria, e 20% em Porto Príncipe, Haiti. A água que lhes chega é de qualidade duvidosa, e isso os torna muito vulneráveis a epidemias e enfermidades. Estima-se que a cada ano morrem 3,4 milhões de pessoas por infecção direta de água, alimentos contaminados por organismos portadores de enfermidades como os mosquitos que infectam a água.

A pobreza impacta severamente o fundamental campo da nutrição. Segundo estimativa da FAO (1998), 828 milhões de pessoas dos países em desenvolvimento, como o Brasil, padecem de desnutrição, e outros 2,000 milhões têm deficiências de micronutrientes como vitaminas e minerais.

Há disparidades no acesso a um bem decisivo: a saúde, apesar dos enormes e tão positivos avanços da medicina, em numerosos campos, há o aumento da pobreza, as carências por parte dos pobres, de condições mínimas de grande impacto em prevenção em saúde, como o saneamento básico, a eletricidade e a água, antes mencionados, os problemas de desnutrição e a falta de acesso aos serviços de saúde (880 milhões carecem deles) são alguns dos fatores incidentes das profundas disparidades existentes. As mesmas podem ser observadas no quadro seguinte:

Tabela 1 - Indicadores Mundiais de Saúde de 1997

	26 países mais ricos	49 países mais pobres
Expectativa de vida ao nascer (em anos)	78	53
Mortes antes dos 50 anos (Porcentajes del total de muertos)	8	73
Mortes antes de 5 anos (Por cada 1.000 nascimentos)	8	144
Mortalidade Infantil (Mortes no primeiro ano de vida por cada 1.000 nascimentos)	6	100

Fonte: Organização Mundial de Saúde (1998).

Como se observa, em 1997, a expectativa de vida nos 26 países mais ricos era de 78 anos. Nos 49 países mais pobres, no entanto, era de 53 anos. De mais de 25 anos de vida, em uma ou outra área do globo. Para as crianças, a situação é ainda pior. Os avanços da medicina têm reduzido a mortalidade infantil, nos 26 países mais ricos,

aproximadamente, seis bebês por mil nascimentos morrem antes de completar um ano de idade. Nos 49 países mais pobres, morrem 100 de cada mil antes de alcançar um ano, 16 vezes mais que os países mais ricos. No entanto, as enfermidades dos pobres são muito diferentes das que enfermidades que estão em setores com melhores condições de vida, como pode ser confirmado pela Organização Mundial de Saúde (1997), em que, 60% das disfunções, em mais de 20% da população pobre no mundo, são causadas por enfermidades transmissíveis, pela desnutrição e por mortalidade materna e perinatal. Esta cifra poderia ser reduzida se os pobres tivessem acesso à saúde preventiva e curativa, e a nutrição adequada. Em 20% da população mundial mais rica, estas causas de morte são geralmente em 8% das disfunções, e a maioria surgem de enfermidades não transmissíveis (cardíacas, câncer, etc.).

O Banco Mundial (1993) confirmou que sete milhões de adultos morrem anualmente por enfermidades transmissíveis, que poderiam ser prevenidas ou curadas com custos mínimos. Somente a tuberculose causa dois milhões de mortes anuais e a malária, um milhão. As mortes de crianças poderiam ser substancialmente reduzidas. Caso a metade das crianças que perecem em países pobres, morrem por causa de diarreias e enfermidades respiratórias, exacerbadas pela desnutrição. As taxas de mortalidade das mães, ao nascer seus filhos, também poderiam descender ao pico com atenção médica adequada. São, em média, 30 vezes maiores nos países em desenvolvimento, que nos ricos.

Segundo os especialistas Muñoz Jiménez (1999), junto às suas múltiplas carências, os pobres padecem, aliás, pela falta de assistência médica, seu acesso real aos serviços de saúde é muito reduzido.

A Organização Mundial de Saúde (1998) descreveu a situação do conjunto:

Los pobres soportan una parte desproporcionadamente grande de la carga mundial de morbilidad y sufrimiento. Suelen habitar en viviendas insalubres y

haciendas, en zonas rurales o tugurios periurbanos poco atendidos. Están más expuestos que los ricos a la contaminación y a otros riesgos en el hogar, en el trabajo y en sus comunidades. Asimismo, es más probable que su alimentación sea insuficiente y de mala calidad, que consuman tabaco y que estén expuestos a otros daños para su salud. En general, esta situación reduce su capacidad de llevar una vida social y económicamente productiva y se traduce en una distribución diferente de las causas de mortalidad. Las desigualdades y la creciente diferencia entre ricos y pobres, en muchos países y comunidades, aun cuando haya un crecimiento económico continuo, amenazan la cohesión social y, en varios países, contribuyen a la violencia y a la tensión psicosocial.

A escala de desigualdades foi assinalada pelo BID (1998, p. 2), Presidente do Banco Mundial, chamando a atenção para o crescimento das polarizações: “La diferencia entre los países ricos y los pobres se está haciendo mayor, los ricos se están haciendo más ricos y los pobres más pobres [...]. El tema de la pobreza y de la equidad es realmente problema de todos”.

Efetivamente, as cifras indicam que o aumento das desigualdades é uma característica central destes tempos, conforme a publicação dos dados sobre o Desenvolvimento Humano (1999), do BID. Tem crescido consideravelmente as diferenças entre países, na última década. Mais de 80 países têm renda per capita inferior do que há uma década, ou mais.

A tabela 2 se refere à participação de 20% da população que vive nos países mais ricos e de 20% que vivem nos países mais pobres, nos aspectos mais importantes.

Tabela 2 - Dados Mundiais no final dos anos de 1990.

Dimensão	20% mais rico	20% mais pobre
Participação no Produto Interno Bruto Mundial	86%	1%
Participação na exportação de bens	82%	1%
Recepção de investimento estrangeiro direto	68%	1%

Fonte: Organização Mundial de Saúde (1998).

As desigualdades não só se dão entre países e amplos setores da população. As características do processo têm levado a concentrações em poucas mãos. O BID (1999) qualificou o processo respectivo muito categoricamente. Assinalou que “las desigualdades globales en ingresos y standards de vida han alcanzado proporciones grotescas”. Entre outras cifras, temos:

- ? o patrimônio das três pessoas mais ricas do mundo é superior ao Produto Nacional Bruto somado dos 48 países menos desenvolvidos do mundo;
- ? o patrimônio das 200 pessoas mais ricas do mundo é superior ao patrimônio de 41% da população mundial;
- ? a disparidade é tal que uma contribuição anual de 1% da riqueza das 200 pessoas mais ricas do mundo permitiria o acesso à educação primária a todas as crianças do planeta.

Os coeficientes de Gini, medida que registra a desigualdade na distribuição da renda (1 é a desigualdade total; 0 é a igualdade total), demonstram que esta distribuição tem crescido fortemente em grande parte do mundo em desenvolvimento. No entanto, os países nórdicos estão ao redor de 0,25 e, nos países desenvolvidos, em geral, em 0,30, na América Latina o coeficiente está 0,58%. Pode-se observar a gravidade das desigualdades na seguinte tabela:

Tabela 3 - Desigualdade em alguns países latino-americanos.

Participação na renda nacional do país	20% mais pobre	20% mais rico	Coefficiente de Gini
Peru	4,4	51,3	0,46
Equador	2,3	59,6	0,57
Brasil	2,5	63,4	0,59
Paraguai	2,3	62,3	0,59

Fonte: Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) – dados do progresso econômico e social, 1998.

Os Coeficientes de Gini têm modificado sensivelmente na Europa Oriental, como se pode observar na próxima tabela.

Tabela 4 - Europa Oriental (coeficiente de Gini).

	1997/98	1993/95	Aumento
Ucrânia	0,23	0,47	0,24
Rússia	0,24	0,48	0,24
Lituânia	0,23	0,37	0,14
Hungria	0,21	0,23	0,02
Polónia	0,26	0,28	0,02

Fonte: Milanovic, 1998 e Ruminska-Zimny, 1999. Apresentado no BID. Dados sobre Desenvolvimento Humano, 1999.

A iniquidade das oportunidades tecnológicas e seus novos avanços, como a internet, têm criado oportunidades inéditas ao gênero humano. As possibilidades que se abrem enquanto se tem acesso à informação, por meio das trocas de conhecimentos em investigações e desenvolvimento técnico, educação à distância, comércio eletrônico de bens e serviços, e muitas outras são poderosas e estão propiciando numerosas atividades produtivas.

Estão muito próximas também as possibilidades de interconectar crescentemente a telefonia avançada e os computadores, gerando novas oportunidades ainda mais amplas.

Sem dúvida, o contexto histórico concreto está determinando que este seja um campo em que o eixo inclusão/exclusão funcione com enorme força. Há os que estão aproveitando profundamente estas oportunidades, conseguindo formar parte importante de seus recursos para incluir-se e competir na economia. Há também enormes contingentes da

população que estão fora da possibilidade real de ascender, excluídos do potente mundo virtual em contínuo crescimento.

Definitivamente, estão se gerando duas realidades totalmente diferentes, que vão contribuir para fortalecer os altos níveis de iniquidade, salvo que se atue efetivamente a este respeito. A situação foi assim adescrita pelo BID (1999):

Esta exclusividad está creando mundos paralelos. Los que tienen ingreso, educación y -linealmente- conexiones, tienen acceso barato e instantáneo a la información. El resto queda con acceso incierto, lento y costoso. Cuando los habitantes de esos mundos viven y compiten lado a lado, la ventaja de estar conectado relegará a los marginales y empobrecidos excluyendo sus voces y sus preocupaciones de la conversación mundial.

As redes telefônicas são fundamentais nos planos mais elementares da existência humana, tornando-se estratégicas para o crescimento no mundo da computação e nos múltiplos planos de interrelação que se estão configurando entre campos como a telefonia celular e outras áreas da informação. O acesso é também totalmente diferencial para os diversos setores da população mundial.

A vulnerabilidade da população pobre é uma das dimensões mais agudas da inequidade, característica do atual cenário histórico geral. É a diferente situação dos países ricos e pobres e dos distintos setores da população destes últimos, ante as crises econômicas e os desastres naturais. A experiência histórica das últimas décadas tem sido muito rica.

Os níveis de vulnerabilidade são determinantes quanto ao peso que podem ter e os setores mais desprotegidos são rapidamente arrastados pelos mesmos. Os aspectos básicos para estes setores, como o nível dos salários reais e as taxas de emprego, tardam muito em se recuperar.

Os desastres naturais têm uma presença ativa em todo globo. Estão se apresentando recorrentemente em diversas zonas do mesmo, particularmente em áreas do mundo em desenvolvimento, e seus efeitos se repartem em forma totalmente desigual, de acordo com o nível de vulnerabilidade prévia da população. As conseqüências, por exemplo, de desastres como *El Niño*, na América Central, ou nas inundações em grande escala, na Venezuela, não afetaram similarmente toda a população. Caíram massivamente sobre os setores de menor renda, e a imensa maioria das vítimas veio delas. Os graus de vulnerabilidade das famílias pobres e as de classe média eram totalmente distintos. Não bastam os problemas advindos da natureza. Frente às similaridades dos desastres, o grau de proteção, a qualidade das moradias e das infra-estruturas, as provisões de serviços de apoio e resgate, as medidas de prevenção, e outros fatores determinaram resultados totalmente distintos.

Neste sentido, algumas das dimensões centrais dos cenários históricos contemporâneos têm se encaixado nos eixos perdedores/ganhadores, incluídos/excluídos. Em todas as dimensões abordadas: crescimento da pobreza, desigualdade no setor de saúde, pouco acesso a oportunidades tecnológicas, vulnerabilidade. Como enfrentar as imensas privações sociais que implicam estes problemas? Todos os atores sociais deveriam assumir responsabilidades referentes aos governos, empresas, sociedade civil, organismos internacionais. O que especificamente cabe ao Estado frente a estas realidades do século XXI? Que atualizações são necessárias?

As últimas décadas têm se caracterizado por diversas suposições de como se opera a realidade sócio-econômica. As ilusões do crescimento fácil e generalizado, impulsionadas pela globalização, têm tropeçado em um quadro muito mais complexo, de onde, junto às vastas potencialidades produtivas que a mesma desata, têm-se desequilíbrios sociais de grande magnitude. Os erros nos marcos de análise da realidade têm sido também

acompanhados por importantes desacertos, enquanto se poderiam criar soluções concretas e mais apropriadas. Assim, referindo-se a um campo macro-econômico, a volatilidade financeira, conforme Veltz (1995, p. 35):

El viejo paradigma está muerto. Alguna vez pensamos que el mercado sería una maquinaria que mediría las virtudes de un país. Si la economía de un país se comporta responsablemente el mercado lo recompensaría. Si se comporta irresponsablemente el mercado lo penaría. Hemos aprendido la dolorosa lección durante la última década que los flujos de capitales son muy volátiles.

A lógica da realidade se separa neste campo das idéias predominantes a este respeito. Ela está se sucedendo de modo acentuado no campo social. Acredita-se que os problemas poderiam ser resolvidos delegando-os a boa parte do mercado. As respostas não têm sido alentadoras. São numerosas as discrepâncias entre a lógica do mercado e as características estruturais dos problemas sociais. No entanto, só o caminho da sociedade civil poderia dar solução aos problemas. Este parece ser um caminho cheio de promessas interessantes, porém, a experiência está indicando que as sociedades civis, em muitos casos, são profundamente debilitadas, pelos mesmos problemas sociais do mundo em desenvolvimento, que tem limitações fortes para enfrentar tais problemas.

Como relatório do BID (1999, p. 1) destacou:

Resulta por lo tanto paradójal que en el mismo momento en que se afianza una política que aboga por la reducción de las funciones del Estado en materia de protección y seguridad social con el objetivo de transferirlas a la sociedad civil o a las instituciones solidarias generadas en el seno de la comunidad, la familia - como institución primordial- muestra signos de no poder sostener sus funciones más elementales, en tanto que las comunidades urbanas, vía la segregación residencial, parecen haber perdido el capital social comunitario en el que se apoyaba su capacidad para contribuir a la formación de la ciudadanía.

Tudo indica que se requer uma política pública que possa ajudar a potencializar algumas das áreas mais importantes da sociedade civil. Nas últimas décadas, a

desvalorização de tal política e os severos cortes, em diversos países em desenvolvimento, de serviços públicos básicos têm criado um vazio de ação pública em circunstâncias contextuais em que a mesma era mais necessária do que nunca pelo crescimento da pobreza e da vulnerabilidade. Contrastando com estes, os países desenvolvidos mantiveram, apesar das restrições fiscais, um investimento sustentado importante nos planos como a saúde e a capacitação de sua população, tiveram excelentes cifras sociais e altas rendas macro-econômicas, colocando-se em sólidas posições competitivas.

Parece haver um amplo espaço para a revalorização do papel das políticas públicas no mundo em desenvolvimento frente aos problemas sociais. Não se trata de mudar a visão do Estado, mas sim de pensar em um modelo estatal diferente, articulado em redes produtivas com a sociedade civil, em todas suas expressões, e com as mesmas comunidades pobres, tratando, em seu conjunto, de encontrar soluções realmente válidas para os problemas sociais.

Ominami (1999, p. 65) descreveu os danos institucionais causados ao setor público nas áreas sociais, recentemente, na América Latina, em um panorama que não difere muito de outras regiões em desenvolvimento:

[...] los sueldos, las condiciones de trabajo, y las perspectivas profesionales de los funcionarios del área social que están en contacto directo con los pobres y les ofrecen servicios (trabajadores de la sanidad, maestras, asistentes sociales) se deterioraron tremendamente. Algo semejante cabe decir de los funcionarios de la burocracia central que trabajan en la política social tanto en el plano nacional como, especialmente, el local. Es sabido que estas esferas del Estado han sido a menudo bastiones de clientelismo e ineficiencia, pero la blitzkrieg desatada contra ellas con el propósito de reducir el déficit fiscal o por mero antiestatismo, no hizo nada por mejorar su situación. Por el contrario en varios países esa ofensiva prácticamente amputó el brazo del Estado más necesario para llevar a cabo políticas sociales razonablemente eficaces.

É necessário, em muitos países em desenvolvimento, construir a institucionalidade social necessária. Remodelar a atual direção da constituição dos

Ministérios e agências com características organizacionais modernas. Criar uma gerência pública social de boa qualidade. Implantar um serviço civil baseado no mérito técnico deste campo. Dar real peso político às áreas sociais, possibilitando-lhes participar, com as decisões econômicas nas decisões de fundo sobre políticas econômicas que venham a ter amplas implicações sociais.

Qual pode ser a força dinamizadora para criar condições como as mencionadas que possam favorecer a reforma sócio-econômica? Como impulsionar um debate público importante sobre prioridades da sociedade, papel do social, administração de recursos escassos, reformas participativas do aparato público, ética e função pública, e outros temas? Parece que se pode esperar muito do fortalecimento contínuo dos processos de democratização. Têm-se avanços importantes no mundo em desenvolvimento. As exigências por participação genuinamente social têm crescido cada vez mais, lentas, porém, persistentemente, estão melhorando condições básicas para a democracia. As sociedades civis estão se fortalecendo, aumentando o papel das instâncias descentralizadas, como os municípios. Há um controle social cada vez mais estreito sobre a ação pública, há exigências cada vez mais vigorosas pelo bom funcionamento da justiça e outras instituições chaves. Tem aumentado o repúdio pela corrupção. Como Alonso e Méndez ressaltaram (2000, p. 87), a democracia tem, entre suas conseqüências, “incentivos políticos a los decisores para responder positivamente a las necesidades y demandas de la población”. Quanto mais ativa se torna a democracia, maiores e mais efetivos serão os incentivos sobre suas decisões.

Um Estado social inteligente, apoiado nos processos de democratização, pode manter um papel muito importante frente ao dramático número de problemas que afligem os países em desenvolvimento. Berguer (2000, p. 37) sintetizou os resultados dos dados

sobre a reforma do Estado, nas diversas regiões do mundo, produzida pela Divisão da Economia e Administração Pública das Nações Unidas:

[...] lo que los informes regionales muestran, en términos ciertos, es que la globalización no es una panacea, no trae de por sí abundancia, ni aún la firme promesa de progreso para la humanidad. Más bien, como una fuerza de la naturaleza, puede ser beneficiosa para aquellos que tienen la capacidad de dominarla, pero también devastadora para aquellos a quienes toma no preparados. Las lecciones y advertencias que se pueden extraer de la experiencia mundial de la última década, especialmente, es que la construcción de capacidades en términos de instituciones y de elevadas competencias de gobierno y liderazgo han sido rara vez tan importantes para todos.

Os vastos contingentes de população submergidos na pobreza, os amplos setores de população que estão sendo deixados fora do mundo virtual, configurando um novo grupo marginalizado, *‘los analfabetos cibernéticos’*, as populações vulneráveis com toda facilidade pelas crises econômicas e da natureza, os *“groseros niveles de desigualdad”* atuais reclamam respostas imediatas, porque se caracterizam por um sofrimento social imenso. Como assinalou o Papa João Paulo II (OMINAMI, 1999, p. 3): *“el problema de la pobreza es algo urgente que no puede dejarse para mañana”*.

1.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Nos últimos anos, uma avalanche de novos referenciais teóricos tem surgido não só no seio das ditas ciências naturais e sociais, como também nos mais diferentes meios produtivos. Vê-se também um amplo movimento de redefinição de conceitos, que aos poucos ganham novas significações. Isso tem gerado, entre outros motivos, um período de grandes transformações nas mais variadas esferas da vida social, cujo pano de fundo é o processo de globalização (PORTUGUEZ, 1999).

Assim, um dos termos que mais tem gerado inquietação entre os pesquisadores é o tão discutido “desenvolvimento”, que adquire dimensões teóricas cada dia mais complexas.

É evidente que essa temática não diz respeito somente aos interesses da Geografia. Outros segmentos do saber científico, como a Economia, a Sociologia, a Antropologia, a Estatística, a Teologia, a Filosofia, só para citar alguns, há muito têm se debruçado sobre o estudo do desenvolvimento, em um esforço contínuo para se compreender a amplitude teórica alcançada por esta temática, no atual momento histórico, apesar dos seccionismos acadêmicos ainda existentes. A reflexão global das ciências só vem a enriquecer a discussão, por possibilitar aos pesquisadores mais comprometidos com a transdisciplinaridade do conhecimento uma visão mais abrangente da problemática (CARPIO, 1999).

Na concepção popular, o desenvolvimento pode ser entendido como sinônimo de progresso, ampliação quali-quantitativa dos recursos de produção, que, na crítica de Souza (in Rodrigues, 1997, p. 18): “é basicamente, o binômio formado pelo crescimento econômico [mensurável por meio de crescimento do PNB ou PIB] e pela modernização tecnológica, em que ambos se estimulam reciprocamente”.

Souza (1992, p. 123), ao analisar a validade e as limitações do planejamento integrado do desenvolvimento sócio-espacial, advertiu sobre os riscos dos parcialismos analíticos que ainda hoje dominam a produção intelectual. Alertou ainda sobre a fragilidade com que as articulações intertemáticas e interescales se apresentam, mostrando que os recortes temáticos empobrecem o entendimento global, constituindo um claro exemplo do caráter positivista do trabalho acadêmico, que tenta dividir a realidade social em esferas dotadas, cada uma, de “vida própria”: econômica, política, cultural e outras.

Max-Neef (1996) discutiu inúmeros aspectos referentes ao “desenvolvimento” como sendo um processo capaz de satisfazer às necessidades humanas, tidas por ele não somente como metas a serem atingidas, mas também como a razão de existência desse processo. Referiu que:

El desarrollo a Escala Humana no excluye metas convencionales como crecimiento económico para que todas las personas puedan tener un acceso digno a bienes y servicios. Sin embargo, la diferencia respecto de los estilos dominantes radica en concentrar las metas del desarrollo en el proceso mismo del desarrollo. En otras palabras, que las necesidades humanas fundamentales pueden comenzar a realizarse desde el comienzo y durante todo el proceso de desarrollo; o sea, que la realización de las necesidades no sea la meta, sino el motor del desarrollo. Ello se logra en la medida en que la estrategia de desarrollo sea capaz de estimular permanentemente la generación de satisfactores sinérgicos.

Por sua vez, Cavaco (1997 apud NASCIMENTO, 2005) empregou a expressão “Desenvolvimento Local” para se referir ao processo em que as localidades, munidas de seus recursos mais variados, criam oportunidades de promoção de bem-estar coletivo, implementando atividades que de alguma forma dinamizem a economia em pequena escala, gerando o “desenvolvimento” do lugar mediante estratégias de baixo impacto sócio-ambiental. Essa autora tem pesquisado o turismo rural português, e procura divulgar a idéia da busca de avanço sócio-econômico democrático e fiel às coletividades receptoras.

Rodrigues (1997, p. 10) propôs uma concepção semelhante, em que afirmou que o vocábulo desenvolvimento não pode ser empregado como sinônimo de crescimento, nem tampouco regular a distribuição da riqueza. Lembrou ainda que a “economia não é tudo sem eficácia social”, pois o crescimento do PIB não pode ser tomado como referencial único para definir o “desenvolvimento”.

Essa autora tem trabalhado teoricamente a expressão “desenvolvimento com base local”, em que propõe, especificamente para o caso do turismo, um trabalho de planejamento e gestão do referido processo fundamentado nas características e anseios das

localidades receptoras, como contraposição às demandas massacrantes do grande capital, que muitas vezes se instalam em áreas ainda inexploradas para fins de recreação, tecnificam-na, criam uma estrutura receptiva totalmente desvinculada dos aspectos sócio-ambientais locais, sem, contudo, melhorar as condições de vida da coletividade receptora, o que acaba gerando ou agravando a exclusão social.

Com o exposto, vê-se que as idéias apresentadas pelos autores citados são muito semelhantes, pois todos trabalham o planejamento e a gestão do “desenvolvimento” com base nos lugares, preocupando-se claramente com o equilíbrio sócio-ambiental das localidades receptoras.

No entanto, Ávila (2000) apontou que os europeus tratam o Desenvolvimento Local mais como descentralização de processo de gestão pública e empresarial (ou de sua extensão aos locais visando à geração de emprego e renda nesse nível), sem tocarem nos próprios paradigmas vigentes de desenvolvimento, tratando-se de espécie de socialização humanitária da globalização e concentração, inclusive, geográfica de riquezas e acessos econômicos. Referiu, também, que, no Brasil, o Desenvolvimento Local é tratado como “contrapé” ou “contraponto” entre globalizados e globalizadores, sendo o desenvolvimento local endógeno ou de dinâmica endógena pela qual a comunidade se torna apta (capaz, competente e hábil) de se tornar sujeita e agente de seu desenvolvimento, capaz de equilibrar e “metabolizar” o que lhe vem de fora.

Assim, para efeito deste estudo, admitiu-se a idéia de “Desenvolvimento sócio-espacial” proposta por Marcelo J. L. de Souza, cujas reflexões, além de serem compatíveis com essa investigação, avançaram na discussão teórica do “desenvolvimento”, representando uma das mais consistentes contribuições da Geografia brasileira à análise desse processo. Segundo Santos, Souza, Silveira (1994), desenvolvimento pressupõe mudança, transformação - e uma transformação positiva, desejada ou desejável. Clamar

por desenvolvimento (seja por que ângulo for) só é concebível, portanto, no seio de uma cultura que busque a mudança ou que esteja conscientemente aberta a essa possibilidade com um valor social.

Os autores lembraram ainda que a necessidade de se buscar o desenvolvimento é uma das características das sociedades ocidentais e/ou ocidentalizadas, que têm na idéia de “modernidade” (em suas múltiplas nuances), a base cultural de sustentação desse processo. Após levantarem uma série de questionamentos sobre o contexto cultural em que se construiu (e ainda se constrói) a noção de desenvolvimento, salientaram ainda que qualquer tentativa de apreendê-lo avançará teoricamente quando se admitir uma ruptura consciente com o etnocentrismo e com a idéia heterônima de uma verdade absoluta.

Também não se deve tentar defini-lo de uma vez por todas, sendo mais sensato buscar um princípio norteador de modo que a reflexão esteja sempre aberta a novas contribuições. Assim, os autores entendem o desenvolvimento sócio-espacial como um processo de aprimoramento, gradativo ou, também por meio de bruscas rupturas, das condições gerais de viver em sociedade em nome de uma maior facilidade individual e coletiva, o princípio mais fundamental sobre o qual pode se assentar esse processo parece ser a autonomia individual e coletiva. A autonomia é um princípio ético e político, o qual não define um conceito de desenvolvimento, mas justamente propicia uma base de respeito ao direito de cada coletividade de estabelecer, segundo as particularidades de cada cultura, o conteúdo concreto, sempre mutável, do desenvolvimento: as prioridades, os meios, as estratégias (SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 1994).

O Espaço (total e local), como processo do desenvolvimento sócio-espacial, deve ser pensado em sua totalidade, pela academia, que deve adotar uma postura transdisciplinar, e pelos seus gestores, que devem operacionalizá-lo com base em um

planejamento transetorial. Essa, na realidade, é a única forma de promovê-lo de forma realmente integrada (SANTOS, 1998a).

Dessa maneira, vislumbra-se uma noção desse processo, que muito se distancia das conceituações tradicionais, em que o aspecto econômico figura como esfera principal de todas as ações. Questiona-se, também, a simplificação da idéia de desenvolvimento, quando considerada como superação do subdesenvolvimento, caracterizada somente como sinônimo de pobreza e/ou poucos recursos, para ampliação dos mecanismos de produção, que têm nas nações centrais do mundo capitalista os “modelos ideais” a serem copiados.

Para Milton Santos (1998b), a idéia de lugar está intimamente relacionada com o conceito de espaço, argumentando que, “o espaço total e o espaço local são aspectos de uma mesma e única realidade”. Esse autor (1998) afirmou que cada lugar é marcado por uma combinação técnica diferente e por uma combinação diferente dos componentes do capital, o que atribui a cada qual uma estrutura de capital própria, à qual corresponde uma estrutura específica do trabalho. Em cada lugar, as variáveis A, B e C não têm a mesma posição no aparente contínuo, porque elas são marcadas por qualidades diversas. Isto resulta do fato de que cada lugar é uma combinação de técnicas quantitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico - daí a diferença entre eles.

Neste sentido, e considerando a interpretação das idéias de Milton Santos, observa-se que a identidade do lugar pode ser definida com base em seu conteúdo técnico, conjunto e natureza de técnicas presentes na configuração do território, da demanda informacional, que chega ao local tecnicamente estabelecido, da densidade comunicacional, resultante da interação entre as pessoas, e pela densidade normativa, visto que as normas são consideradas como elementos definidores desse lugar.

Deve-se levar em consideração o papel do significado de tempo, chegando à conclusão de que é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Para

Milton Santos, existe dupla questão no debate do lugar: visto “de fora” é resultante dos acontecimentos históricos mais amplos que, de alguma forma, impõem-se e participam de sua configuração, e visto “de dentro” o lugar se refere ao arranjo das forças que se conjugam internamente, conferindo-lhe identidade própria.

A história econômica mundial mostra claramente o quanto o “desenvolvimento” não se processou de forma especialmente homogênea, em função dos modelos mundialmente adotados de reprodução de capital que, ainda hoje, têm papel altamente segregador, pois privilegia algumas áreas para implementação de projetos desenvolvimentistas, em detrimento de outras.

Nesse sentido, na chamada “engrenagem global”, o meio rural passou a atuar como área marginalizada, uma vez que o discurso clássico da ‘modernidade’ se apoiou durante anos na atividade industrial, privilegiando a cidade, em um processo hierarquizador desses lugares, em que o campo passou a exercer o papel de saneador das necessidades urbanas, fornecendo matéria-prima, alimentos, água potável, reservas de valores, entre outros exemplos, fato que resultou o retardamento – e, em alguns casos, até mesmo a atrofia – de suas empreitadas de promoção do crescimento econômico e da conquista de melhor qualidade de vida. Ao campo coube, nesse processo, a função de consumir os serviços e produtos oriundos das cidades, em um comportamento eminentemente passivo diante do dito “processo global”.

Não só no Brasil, como em muitas outras nações do mundo, o processo de urbanização, mesmo que diferenciado, provocou o esvaziamento das áreas rurais, resultando não só em graves problemas sociais para o meio rural, como também para o urbano. O campo passou a depender cada vez mais do governo para se manter produtivo, mas, mesmo com esse auxílio, em muitos casos, a produtividade permaneceu insuficiente,

para assegurar o bem-viver das populações rurais, que experimentaram – e muitas ainda experimentam – dolorosas fases de escassez dos mais elementares recursos de subsistência.

A esse respeito, Cavaco (1996, apud NASCIMENTO, 2005, p.96) lembrou que:

O mundo ocidental conhece atualmente múltiplas situações de crise econômica e social, mas também de novas oportunidades, geradas por sistemas de apoios oficiais e privados, nomeadamente no quadro de programas nacionais e comunitários, pelas novas tecnologias de comunicação, informação, produção, organização e marketing ou pelas inovações no sentido da qualidade (...). No nível de micro-regiões, nos pequenos territórios, aldeias e populações são fortemente sentidas as mediocridades de rendimentos e condições de vida, a falta de empregos e ganhos, traduzidas no êxodo, a de serviços de apoio aos idosos, as insuficiências no acesso e na qualidade do ensino ou da assistência, a falência das atividades econômicas, a destruição dos tecidos socioeconômicos, a pobreza, a degradação geral da habitação, das ruas .

Nesse sentido, uma série de medidas, como linhas de crédito, subsídios, financiamentos de produção, entre outras, foi tomada em nome do socorro ao meio rural, resultando em outros graves problemas como elevação dos custos sociais da produção, incentivo à dependência financeira, juros elevados e até mesmo o comprometimento da posse da terra em caso de longas inadimplências por empresários.

De uma forma geral, os parques tecnológicos concentram atividades de alta tecnologia e têm como componente essencial, pelo menos, um departamento universitário ou instituto tecnológico onde as empresas podem se comunicar facilmente, tanto material como intelectualmente.

A proximidade com os espaços metropolitanos, onde há facilidades com a economia externa, mão-de-obra qualificada, universidades, centros de investigação avançados, um bom sistema de telecomunicações, existência de capital de risco, pode atrair empresários e profissionais de alta qualificação. Tudo isto é complementado, quando as instituições locais apóiam os investimentos, principalmente na fase inicial de instalação.

Os investidores desejam contar com uma urbanização de qualidade, baixa densidade ocupacional, zonas verdes amplas, infra-estruturas técnicas e, por isso, os responsáveis pela administração pública local devem oferecer estes atrativos, se quiser atrair os investidores para seus territórios.

A cooperação técnica internacional constitui um importante instrumento de promoção das relações externas do Brasil e de apoio ao seu desenvolvimento. Por meio de programas e projetos de cooperação técnica, os países parceiros e organismos internacionais transferem para o Brasil, em caráter não comercial, experiências e conhecimentos técnicos. Da mesma forma, o Brasil transfere para outros países em desenvolvimento, com os quais mantém Acordos de Cooperação, conhecimentos técnicos e suas experiências exitosas em diversas áreas.

A transferência e a absorção de conhecimentos técnicos específicos constituem os aspectos fundamentais dos projetos de cooperação técnica. O repasse desses conhecimentos pode se dar por meio do desenvolvimento de trabalhos conjuntos de duas ou mais instituições executoras dos dois países parceiros, no caso da cooperação bilateral, ou por meio da cooperação entre um organismo internacional e uma ou mais instituições nacionais, no caso da cooperação multilateral.

Os projetos são instrumentos de operacionalização da cooperação técnica. São geralmente constituídos de um conjunto relativamente complexo de atividades que são executadas visando a alcançar objetivos específicos, previamente definidos. Entre outros pontos importantes, os documentos de projeto registram estes objetivos, os meios necessários para atingi-los, o planejamento do trabalho que será realizado, a cooperação técnica solicitada e a contrapartida oferecida pela instituição proponente.

Em alguns casos, a cooperação técnica é operacionalizada por meio de atividades. Nestes casos, não existem projetos propriamente ditos, uma vez que, por

constituírem ações de relativa simplicidade, não é necessário proceder ao planejamento detalhado do trabalho. Não obstante, são elaboradas propostas de cooperação técnica em modelos simplificados que esclarecem o escopo do apoio pretendido. Podem ser mencionados, como exemplos de atividades, os treinamentos e as visitas técnicas apoiadas pelo Brasil, no âmbito da cooperação horizontal.

Tendo em vista a disseminação dos conhecimentos técnicos obtidos, por meio de programas e projetos de cooperação, a instituição executora nacional é geralmente uma entidade técnica, sem fins lucrativos, voltada para o desenvolvimento de atividades de pesquisa, de ensino e/ou de apoio ao setor produtivo.

Os esforços da cooperação técnica são desenvolvidos na expectativa de promover um salto qualitativo, de caráter duradouro, nas instituições participantes da implementação dos projetos, bem como impactos positivos e relevantes nos segmentos produtivos beneficiários.

Os projetos de cooperação técnica utilizam os seguintes mecanismos para atingir seus objetivos:

- ? apoio dos especialistas para prestação de consultorias específicas;
- ? treinamento de pessoal;
- ? eventual complementação da infra-estrutura da instituição executora, necessária para realizar os trabalhos previstos.

Entre as diretrizes de Governo para a cooperação técnica brasileira, podem ser destacadas:

- ? concentrar esforços em programas e projetos vinculados às prioridades nacionais de desenvolvimento do Brasil e dos países parceiros, enfatizando aqueles de maior impacto nacionalmente;

- ? priorizar os projetos que possibilitem a criação de efeitos multiplicadores e que promovam mudanças duradouras;
- ? dar preferência a projetos que provoquem o adensamento das relações políticas, econômicas e comerciais entre o Brasil e os países parceiros e que estejam inspirados nos conceitos de multilateralidade, universalidade e neutralidade, no caso de organismos internacionais.

A demanda por cooperação técnica recebida de países desenvolvidos mostra-se cada vez mais exigente, visando à obtenção de alta tecnologia que atenda ao nível atual de exigência de desenvolvimento e aperfeiçoamento tecnológico do país.

Dos 21 países membros do Comitê de Ajuda para o Desenvolvimento (CAD) da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), somente quatro alcançaram a meta estabelecida pelas Nações Unidas (Dinamarca, Países Baixos, Noruega e Suécia), ou seja, contribuir com 0,7% do Produto Nacional Bruto. De fato, a ajuda oficial ao desenvolvimento, pelos países membros da OCDE, gira em torno de 0,24% do PNB.

A cooperação recebida bilateral é considerada como instrumento propulsor de mudanças estruturais, à medida que os benefícios oriundos da absorção de know-how técnico, informações e experiências possam ser incorporados ao desenvolvimento nacional. Em média, as fontes bilaterais têm aportado, a fundo perdido, o montante anual de US\$ 93 milhões. Esse montante se materializa mediante consultorias de alto nível, capacitação/treinamento de técnicos brasileiros e doação de equipamentos de alta tecnologia, tendo-se como objetivo final a transferência de tecnologia e de conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento do país.

Apesar das restrições orçamentárias dos principais países com os quais o Brasil mantém parceria, a cooperação técnica bilateral apresentou desempenho positivo em 2000: Japão (US\$ 53,0 milhões); Alemanha (US\$ 12,7 milhões); Reino Unido (US\$ 9,5 milhões); França (US\$ 9,0 milhões); Canadá (US\$ 5,2 milhões); Estados Unidos (US\$ 1,8 milhões); Itália (US\$ 1,0 milhão).

Internamente, no Brasil, foram criadas, por iniciativa de particulares, as Organizações Sociais (OS), que são pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, voltadas para atividades de relevante valor social, segundo o modelo previsto na Lei n. 9.637, reconhecidas, acompanhadas e fomentadas pelo Estado. Trata-se, portanto, de uma forma de parceria entre o Estado e as instituições privadas de fins públicos para a prestação de serviços com qualidade e constância aos cidadãos brasileiros, notadamente, nas áreas de ensino, pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico, proteção e preservação do meio ambiente, cultura e saúde.

O modelo previsto na Medida Provisória (MP) n. 1.648-7, de 23 de abril de 1998, foi convertido na Lei n. 9.637, de 15 de maio de 1998, e pretendeu incentivar o estabelecimento de parcerias entre o Estado e a sociedade para a gestão de serviços de natureza social, contemplando o foco no cidadão-cliente, a ênfase no desempenho e o controle social. O Estado mantém as suas responsabilidades no fomento a estas atividades, transferindo recursos públicos para as OS, passando a desenvolver controles mais eficazes, com base nos resultados efetivamente alcançados.

Pretende-se, com a implementação do modelo de Organizações Sociais - OS, a obtenção dos seguintes resultados:

- Prestação de serviços aos cidadãos de forma eficaz, eficiente e efetiva, ou seja, que os serviços sejam prestados, respectivamente, com qualidade, ao

menor custo possível e que proporcione o impacto que se deseja na sociedade.

- Participação da sociedade no gerenciamento de entidades que utilizem recursos públicos.
- Prestação de serviços de forma continuada ao cidadão brasileiro.
- Acompanhamento da gestão das OS pelo Poder Público com base em resultados.
- Parceria entre o Estado e a Sociedade, na resolução dos problemas nacionais relativos à área social.

A administração pública voltada para o cidadão possui um quadro teórico-conceitual, nacional e internacional, composto por uma série de conceitos e princípios inter-relacionados, baseados na iniciativa privada e adaptados ao setor público, que visam melhorar os serviços prestados ao cidadão, abandonando definitivamente toda a burocracia e empecilhos para um atendimento mais simples, conveniente e acessível.

Os avanços alcançados com a reforma gerencial da administração pública brasileira foram tema central de um seminário, realizado no dia 23 de novembro de 1998, em Londres. O evento, patrocinado pelo Conselho Britânico e intitulado “*Reforma do Setor Público no Brasil*”, tratou também das contribuições da cooperação técnica britânica e os principais fatores responsáveis pelo êxito do projeto: *Co-operation Brasil - United Kingdom*.

O Ministério da Justiça vem se empenhando na promoção dos Direitos Humanos no país. Muitos projetos foram desenvolvidos, aproximando o Estado da cidadania, promovendo diálogos com diversos segmentos sociais. Preocupados com a

perenidade destas políticas, foram criadas instituições e centenas de Organizações Não Governamentais, para desenvolver o Programa de Direitos Humanos.

O Governo Federal passou a agir no sentido de humanizar o atendimento da cidadania nos serviços públicos e incentivar a cultura de respeito à dignidade humana. Assim, verificou-se a enorme importância de criar agentes multiplicadores da cidadania, pessoas com liderança local ou com constante contato com a população que vive no estado, capazes de aprimorar seus conhecimentos e atuar de forma consciente em defesa da dignidade humana, portanto, em defesa dos Direitos Humanos.

Os agentes da cidadania são os potenciais criadores de núcleos de direitos humanos, que contam com a participação de organizações da sociedade civil e do Poder Público local que poderá difundir os Direitos Humanos, não só de forma filosófica, mas promovendo políticas públicas em defesa do ser humano. Poderá agir em defesa da criança, do idoso, da pessoa portadora de deficiência, do encarcerado, da mulher, da comunidade negra, do consumidor, do indígena, dos movimentos de saúde, moradia, saneamento e outros direitos sociais. Potencialmente, podem promover a cultura, a defesa do meio ambiente e da memória histórica de nossas cidades. Defender tudo o que melhore a qualidade de vida daqueles que habitam o nosso país.

Neste sentido, são imperativos: a troca de experiências e o esforço conjunto para a multiplicação de força de modificação da sociedade e, de maneira solidária, consolidar a construção da cultura dos Direitos Humanos. Enfim, assumir a função de agente da Cidadania.

No entanto, ao contrário do que se pensava até recentemente, o processo de globalização da economia e os avanços da tecnologia da informação não eliminaram a oferta de trabalho para o ser humano, entretanto, são de fato profundas as modificações dos tipos de atividades e das relações entre os agentes do mercado de trabalho. A velocidade

com que essas mudanças estão ocorrendo é que constitui motivo de grande preocupação, em especial para os países não desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento, em virtude das deficiências na formação profissional.

Assim é que a empregabilidade se tornou um dos maiores desafios a ser enfrentado pelos governantes do novo milênio, em especial no Brasil. Em Mato Grosso do Sul, essa questão está colocada na agenda de prioridades do governador. Com essa visão de futuro, o Governo implementou o programa de desenvolvimento econômico sustentável, incentivando as áreas produtivas e firmou parcerias destinadas a viabilizar uma política de geração de emprego e renda, compatível com a realidade.

Nesse ponto, duas estratégias foram traçadas: a formação profissional e o estímulo às comunidades na busca de alternativas de trabalho. O êxito das ações desenvolvidas em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego, com órgãos públicos e entidades representativas da sociedade, contribuiu para consolidar o programa de Políticas Públicas de Emprego e a capacitação profissional. É preciso destacar que o Governo de Mato Grosso do Sul, por meio da Secretaria de Justiça e Segurança Pública, trabalha em Defesa da Cidadania, está empenhada em aperfeiçoar o trabalho.

A democratização e a descentralização foram alcançadas com a participação da sociedade, por meio da criação dos Conselhos Municipais de Trabalho, fóruns de decisões e a participação de entidades de estudos econômicos que apóiam no diagnóstico e vocações de cada região, orientando os municípios para as necessidades de capacitações profissionais.

A educação profissional não pode ser vista apenas pelo seu desempenho técnico, mas, principalmente, pela dimensão da cidadania, promovendo a formação de pessoas competentes, críticas, conscientes e participativas.

Ao analisar a questão do desemprego, o que falta é distribuir a riqueza. O desemprego é um desafio em todo o mundo e faz agravar o já complicado quadro de injustiça social brasileiro.

A geração de empregos do país não acompanha os mesmos índices de crescimento econômico, o que faz aumentar as dificuldades de se fazer o ajuste fiscal, bem como os avanços que o saneamento das finanças pode representar. Assim, é preciso limitar o comprometimento da receita para o pagamento de dívidas.

Para alguns países em desenvolvimento, a dívida externa é impagável e os mecanismos de correção são injustos. Primeiro, existe uma legislação trabalhista que termina onerando o emprego formal. É preciso haver alguma modificação, não no sentido de tirar ganhos dos trabalhadores, mas para que a situação de informalidade de muitos seja legalizada. Outro aspecto é a automação do processo produtivo. O que antes era necessária mão-de-obra, hoje se faz com tecnologia. Podemos citar os exemplos de bancos, setor automobilístico e até a agricultura. Além disso, com a globalização, as empresas tiveram que encarar uma competição violenta, não há mais um Estado nacional para as práticas comerciais.

Não podemos deixar de falar na formação desse trabalhador. Hoje, além da sua função, o trabalhador tem que entender de gestão, tem que participar do processo. A qualificação regular é muito importante, é fundamental, bem como a qualificação específica, para o desempenho de funções. Então, existe uma série de fatores que termina por criar um quadro desalentador. Não é à toa que o Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em 2006, debateu vastamente essas questões, no sentido de que a economia cresça e que seja observado um crescimento mais solidário. Ao setor produtivo interessa o lucro e o desafio que está posto é crescer com mais justiça social.

A máquina se transformou no trabalhador do século XXI. Embora isso fosse previsto, o Brasil não tomou medidas de proteção ao trabalhador desempregado. Na verdade, o grave problema da humanidade na questão da inclusão social não é produzir mais riqueza. Existe riqueza suficiente para que todos tenham um padrão de dignidade, com educação, saúde, transporte, moradia e lazer, enfim, questões básicas. Mas isso não acontece. O Brasil, além da enorme dívida social, da perversa distribuição de renda, ainda tem a agravante do atraso do ponto de vista tecnológico. Então, temos uma dupla dificuldade: o histórico de injustiça social e o despreparo diante de questões tecnológicas.

O Brasil tem péssima distribuição de renda, primeiro, é preciso definir claramente que tipo de desenvolvimento nós pretendemos. Se a proposta é ter desenvolvimento econômico com benefício para o conjunto da sociedade, é preciso se debruçar sobre algumas vertentes. Nós precisamos de educação e de uma legislação que inclua a participação dos trabalhadores no processo daquilo que é produzido. Também precisamos de uma reforma tributária profunda. A concepção tributária que temos termina penalizando os assalariados com Imposto de Renda, enquanto parte do setor produtivo não paga impostos porque existem mil mecanismos que impedem a justiça tributária. Isso depende do Congresso Nacional. Os municípios são a base da tributação, o dinheiro vai para a União e depois é redistribuído de uma forma muito perversa. É preciso repensar a forma de tributação neste país.

Como foi discutido no Fórum Social Mundial, em uma das muitas análises, os participantes afirmaram que a dívida externa é muito maior. Neste sentido, não seria justo preferir o pagamento de dívidas e priorizar investimento de ordem social, demonstrando que essa é uma avaliação superficial. Nós precisamos realmente estancar essa “sangria do pagamento de dívidas”. Para muitos países em desenvolvimento, ela é impagável. Há uma clara manobra do setor capitalista, os grandes dominadores do capital mundial criam uma

série de mecanismo de juros, ajustes, correções, taxas, que fazem essa sangria de modo permanente. A forma como esses empréstimos foram contraídos faz com que o devedor pague, pague, pague e continue devendo. Mas não é só a dívida externa. Nós também temos uma distribuição muito perversa da riqueza que é produzida por todos. É preciso haver políticas que mudem esse quadro.

Esta é uma matéria que precisa realmente de uma análise, à medida que você tem um comprometimento tão alto que impossibilita a gestão mínima do setor público. É preciso se examinar a justiça disso. Cada situação é única, pois há municípios com situação financeira equilibrada e outros não. Aí, entra a responsabilidade do cidadão. Na democracia, você não tem possibilidade de tributar erros, a não ser ao coletivo. Quem escolhe do vereador ao Presidente da República é o eleitor. As pessoas precisam estar atentas para que este espaço democrático não seja ocupado por questões demagógicas que terminam por levar ao comprometimento das finanças públicas.

Evidentemente, o teto pode ser um caminho, 10% da renda bruta talvez não consiga pagar a dívida externa. O percentual pode variar conforme a situação financeira do Estado ou município. Mas é preciso limitar o comprometimento com a dívida. Até porque nós não podemos, em nome do ajuste fiscal, cometer uma brutal inviabilidade das políticas que são essenciais para proteção do ser humano.

Na verdade, existe toda uma legislação voltada para que o Estado-Membro não tenha autonomia. Tudo isso é feito com base num modelo de desenvolvimento do país. Os estados foram obrigados a ajustar suas contas, mesmo aqueles dirigidos por governantes de linhas ideológicas absolutamente divergentes, porque senão não se consegue o equilíbrio. O orçamento mostra o enorme encargo com dívidas - e Mato Grosso do Sul renegociou bem suas dívidas. O estado foi compelido a fazer o ajuste, dada à irresponsabilidade de determinados gestores, gastava-se mais do que se arrecadava. O ajuste é positivo, é preciso

ter planejamento. Nesse sentido, o ajuste fiscal andou e andou muito bem. Entretanto, devido a um acúmulo histórico dessa forma irresponsável de gestão pública, comprometeu-se uma parte muito grande da receita para fazer face ao pagamento da dívida. Se observarmos os orçamentos anteriores, o investimento era menor. À medida que conseguíamos equilíbrio, priorizava-se a área social.

Outro exemplo é o acesso ao crédito, que historicamente só contemplava os grandes produtores. Estamos envolvidos no sentido de dar ao pequeno o acesso ao crédito, que é efetivamente quem mais gera emprego e distribui renda neste país. Mato Grosso do Sul tem apoiado a iniciativa de se fazer este ajuste.

Hoje, o próprio Fundo Monetário Internacional está revendo suas regras, pois não impõe à Argentina um agravamento da recessão para justificar o equilíbrio de contas. O remédio do FMI para o Brasil foi muito amargo. Nós tínhamos uma desordem tamanha que era preciso dar um breque na situação, para depois continuar. Foi a velha estória de que o bolo tinha de crescer para depois dividir. Havia um colapso nas finanças, era tomar providências no sentido de aparar as diferenças entre a ficção das peças orçamentárias para a realidade de fluxo de recursos. Hoje, as contas estão ajustadas e temos a Lei de Responsabilidade Fiscal para garantir a manutenção da saúde financeira. Neste sentido, a gestão orçamentária deve ser controlada pela sociedade. A experiência do Orçamento Participativo tem que ser observada, pois se mostrou exitosa. Ele não só possibilita o controle dos investimentos como também define prioridades de investimento.

As expectativas da geração de emprego para os próximos dois anos, visualizando a posição do quadro nacional, permitem uma avaliação diferenciada em nosso estado. Primeiro, porque o equilíbrio das finanças e o aporte de investimentos no setor produtivo, estimado em 12 bilhões, vão nos assegurar uma situação favorável à geração de emprego. Entretanto, é preciso ser observado que estamos ainda tateando num processo de

desenvolvimento que permite contemplar um crescimento com justiça social. É um desafio! E não é só a geração de emprego que irá conseguir isso. Nós temos uma dívida social historicamente muito alta. É preciso ter políticas contínuas para corrigir esse abismo social, inclusive com políticas compensatórias, como o seguro-desemprego. Não temos dúvida de que o pleno emprego na sociedade moderna é absolutamente inatingível, têm vários exemplos no mundo, dos Estados Unidos à Europa. Todas essas dificuldades também decorrem de um longo período de repressão política. Hoje, temos uma democracia e esses assuntos vêm à tona porque existe espaço para discussão. É muito salutar ver a pluralidade de idéias e o debate de questões essenciais para o Brasil, e o desemprego, é claro, está entre essas questões.

Portanto, estes aportes teóricos refletem a definição de Desenvolvimento Local, como metabolizador e endogenizador da vida, formando, no consciente humano, os sentidos de poder viver na sua localidade, com seus dons compartilhados para os outros, é ser significativo na participação de suas escolhas pessoais e comunitária, transformando-se assim em comunitarização. O DL da Obra Paulo VI está situada em um território plano, onde as pessoas que circundam se constroem mutuamente para o próprio espaço social, e se transformou em uma comunidade com identidade própria, religiosa e cultural, oportunizando aos jovens o conhecimento e a religiosidade católica. É próprio do ser humano colocar-se diante da realidade sua potencialidade de tornar-se solidário, e é assim que se tornou esta unidade Paulo VI, uma comunidade que se vive o Desenvolvimento Local e se constrói a sociedade.

1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL E FORMAÇÃO

Esta é uma questão de comunitarização, sistematizando-se o trabalho desenvolvido na Unidade Paulo VI, que por sua necessidade foi se desenvolvendo e envolvendo a população alvo para o crescimento da mesma nas questões sociais.

O processo estimulador oportunizou as relações para uma vivência, praticamente em questões sociais e comunitárias, desabrochando o interesse de crescer em comunidade, afetiva e com identidade de sentimento de pertença. A Comunidade precisa ser estimulada, criando-se assim, novos espaços e oportunidades de relacionamento para que suas vivências se convertam aprendizagem.

Ávila (2000) descreveu que o Desenvolvimento local é dinamizador da comunidade local como processo, para que haja a reativação da perspectiva econômica de todo progresso de qualidade de vida, sócio-cultural e ambiental.

A Unidade Paulo VI com a sua equipe de leigos e suas potencialidades, integram, investem e desabrocham formando uma comunidade territorialmente de interesses comuns. Este interesse denota a praticidade que envolve a população alvo para o trabalho social, comunitário, visando soluções de problemas inerentes ao desenvolvimento local e formação.

1.4 FORMAÇÃO DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO

A obra educativa de Dom Bosco tem sua mais profunda e principal fonte de inspiração pedagógica na educação cristã. Uma tradição cristã aberta e original. Mais que uma cultura teológica, Santo Alfonso afirmou, em suas orientações pedagógicas, que a pedagogia de Dom Bosco é dominada por uma moral, considerada mais humana e moderna, mais sociológica e concreta, menos abstrata e especulativa.

Os Princípios e Normas (2000) da formação salesiana (com abreviaturas e siglas) e o concernente Decreto de promulgação, relatando a formação salesiana em geral e a formação salesiana nas circunstâncias atuais, formam o documento conhecido como: *Ratio Fundamental Institutionis et Studiorum*.

Pode-se dizer, portanto, que a obra salesiana, com toda a sua originalidade e pensamento de Dom Bosco, constitui-se na casa que acolhe, Igreja que evangeliza, escola que encaminha para vida e espaço para se encontrar como amigo (CASTRO, 1999). Neste contexto, em toda a sua estrutura e espiritualidade, obteve bons resultados divergentes e convergentes na sociedade e, de modo particular, nos trabalhos realizados pela Unidade Paulo VI.

Os programas de educação e profissionalização da Missão Salesiana, com ou sem fins lucrativos, contribuíram para o enriquecimento da comunidade e sociedade. Como exemplos, têm-se os trabalhos desenvolvidos pela Pastoral da Criança, com o papel fundamental da extinção e ou diminuição da mortalidade infantil; pela Escola Rui Barbosa, com a apropriação dos preceitos pedagógicos embasados na interação e criticidade do sujeito em seu espaço social; pelos movimentos da Igreja, que objetivam a solidariedade e o desenvolvimento de mecanismos inclusivos para as pessoas excluídas. Esses são exemplos que tiveram êxito em suas experiências e contam com o apoio de voluntários para a execução das propostas sociais.

Dom Bosco constituiu acontecimentos excepcionais no campo da história da educação e da pedagogia: “Es próprio del gran artista saber imprimir en la historia de la infinitamente rica y variada corriente de la vida espiritual, a pesar de estar atado a las leyes universales de toda técnica o arte, novedad y originalidad de ritmos, de harmonia de horizontes futuros”² (BRAIDO, 1993, p. 27).

Lançar-se para o novo foi sempre um desafio para todos que se envolvem no carisma salesiano, como consagrado ou como leigo dentro deste sistema de trabalho educativo, porém, há de se fazer um esforço para que o novo tenha um vigor e motivos para crescer com os novos tempos que a vida nos oferece.

O Reitor Mor dos salesianos, ou o Sucessor de Dom Bosco, em 1995, Dom Egídio Viganó falava do novo sistema preventivo e se alegrava por estar em consonância com a nova evangelização, nova educação e as novidades dos valores permanentes.

Conforme Dom Viganó, a proposta do sistema preventivo de Dom Bosco para o novo milênio era impulsionar este *modus vivendis* de forma nova e audaciosa, ao lado dos salesianos consagrados, reconhecer os leigos e os cooperadores como portadores do carisma e da espiritualidade salesiana. Os critérios metodológicos de reconhecimento destes são analisados sob a ótica de suas opções, referenciadas na terminologia e na vivência do sujeito salesiano, na peculiar intensidade de sua entrega aos desígnios professados na obra de Dom Bosco e nas raízes profundas de suas intuições (VIGANÓ, 1995).

Há três meios de vivenciar o carisma e a espiritualidade salesiana. A primeira se refere à arte de educar de forma positiva e com convicção, propondo o bem com experiências adequadas, que se comprometam com a capacidade de atrair pela nobreza e beleza de ser. O segundo com a arte de fazer o jovem crescer por dentro, despertando a força da liberdade interior, ao contrário de se deixar levar pelos falsos condicionamentos e formulismos exteriores. O terceiro com a arte de conquistar o coração dos jovens, envolvê-los na alegria de viver, com satisfação para o bem, corrigindo os possíveis erros de desvios e prepará-los para o amanhã, por meio de uma sólida formação do caráter. Essa é uma perspectiva nova para a missão (VIGANÓ, 1995).

É importante frisar que a formação do salesiano e do leigo está fundamentada nos aspectos pedagógicos e pastorais do Sistema Preventivo de Dom Bosco, que nos últimos anos tem se estudado e aprofundado suas origens e o seu desenvolvimento, sendo

² BRAIDO, P. Don Bosco al alcance de la mano. Madrid : Editorial CCS, 1993. p. 27.

debatido com critérios os procedimentos para a atualização no novo contexto de hoje, atualizando-se na prática (AAVV, 1974).

Nesse sentido, assume-se o Sistema Preventivo como espiritualidade. Muitos estudiosos da salesianidade reavivaram as experiências e o pensamento de Dom Bosco com mérito, pois atualmente explica-se e vivencia-se com êxito o aspecto místico e ascético, não descuidando da análise do contexto no qual nasceu (histórico, social e econômico) (VIGANÓ, 1995). As atuais linhas de pensamento propõem a renovação à luz de referenciais básicos do Desenvolvimento Local, seja na casa de formação, na paróquia, na escola e ou no oratório.

O Desenvolvimento Local, referido por Ávila (2000, p. 71), constitui:

[...] a única proposta de progresso integral, em nível concretamente local, capaz de despertar e impulsionar a própria comunidade localizada a se desenvolver social, cultural, econômica e ecossistemicamente, na condição de sujeito e não de mero objeto de seu próprio progresso.

Tal proposta de desenvolvimento local precisa, antes de tudo, ser movida pelo desejo de todos os atores estarem envolvidos nessa busca autônoma do desenvolvimento de suas comunidades-localidades. Em todo projeto que vise o desenvolvimento local, é fundamental considerar os aspectos ligados às peculiaridades e diferenças locais, tais como a própria capacitação da população local para o desenvolvimento da riqueza hídrica, da biodiversidade, bem como do patrimônio natural e cultural do local. Investir no sentido de ajudar um povo para que este descubra, conserve ou recupere sua identidade, sua cultura, que é, sem dúvida, a contribuição mais valiosa, na medida em que este povo se torne capaz de cultivar sua auto-estima e sedimentar, ainda mais, a sua história local.

Durante os últimos 10 anos de vivência salesiana em trabalhos comunitários, ações sociais e educativas, a unidade Paulo VI contribuiu na formação para a coesão solidária. É um complexo de unidade que está em desenvolvimento e evolui há,

aproximadamente, 50 anos, nesta localidade, trazendo por si uma identidade significativa para as pessoas, por meio de formação religiosa, formação cristã e profissional.

A Unidade Paulo VI tem demonstrado, pelo tempo de trabalho desenvolvido, uma credibilidade ímpar, que mesmo sendo uma filial da Missão Salesiana de Mato Grosso-MSMT, desenvolve formação integral para a sociedade, conforme os princípios de Dom Bosco, que objetivou formar “bons cristãos e honestos cidadãos” (CASTRO, 1999).

A extensão física e geográfica do “Bairro do Paulo VI” está localizada entre seis bairros e que ainda hoje é mais conhecida com o nome “Bairro Santo Antônio”, que seria o mais correto. Na Unidade Paulo VI trabalha-se na Igreja, no seminário (casa de formação de Salesianos de Dom Bosco), na Escola, no oratório, que são, no mesmo local, um grande espaço de Obra Social, atendendo mais de mil pessoas entre jovens, adolescentes e adultos.

A vocação Salesiana desde a sua Origem tem um intuito de trabalho apostólico, segundo seu fundador Dom Bosco, de formar bons cristãos e honestos cidadãos na sociedade. Dom Bosco e sua equipe de jovens atuantes na Igreja e na sociedade tiveram as mesmas dificuldades que hoje enfrentamos, com relação aos contatos com o setor público e privado, porém, não se contentando com o que via e sentia, explicitou a necessidade de fazer algo pela formação.

O dom para acolher e cultivar fez com que, até hoje, acreditássemos que somos capazes de construir uma casa que acolhe, evangeliza, educa e encaminha para vida, contando com as potencialidades de cada jovem que se coloca a disposição e quer ficar com os salesianos.

Olhando para Dom Bosco, Fundador e formador, podemos ter a certeza que desenvolver o ser humano, dentro de sua territorialidade humana e social, presume que a pessoa se constrói com vida e com o conhecimento e para a realidade da Congregação. Os

jovens são os verdadeiros filhos que o Pai quer que ajudemos a levantá-los quando houver necessidade. Colocando-os a prova de que são capazes de crescerem e desenvolverem a sua espiritualidade e sociabilidade.

A formação dentro de uma obra salesiana hoje tem como referência alguns pontos para se viver: no contexto social e histórico de cada um, os estímulos e desafios que levam a uma experiência de inculturação e evangelização que incidem sobre os valores da pessoa em desenvolvimento humano e cristão.

A experiência do jovem em formação nesta localidade torna-se viva de fé, esperança e caridade, durante o tempo suficiente para ser um cristão autêntico para o resto de sua vida, pelas quais a Igreja oferece para transmitir estes conhecimentos como formas de orientações.

A experiência dentro do espírito salesiano, no ambiente onde ele se encontra, torna-se meio de se viver a família, a humanidade, a própria fonte de energia que conduz ao amor e a paz. A própria Congregação salesiana, como instituição religiosa torna este ambiente acolhedor, onde todos somam as forças e se unem em um mesmo ideal.

A Unidade Paulo VI tornou-se a casa que acolhe, evangeliza, educa e encaminha para vida com a caridade pastoral que os salesianos trabalham com especial comunhão com Cristo, que impulsiona toda pessoa a se apaixonar pela causa dos jovens. Neste sentido, analisamos que a vocação salesiana é forte e duradoura. Podemos constatar que muitas pessoas passaram por esta unidade e deixaram marcas na história e na vida dos próprios participantes da Comunidade Salesiana, em especial a Unidade Paulo VI. A paixão apostólica de viver chama-se coração oratoriano, que permite sentir a vida das pessoas.

A vida do salesiano, como a de Dom Bosco, é caracterizada pela predileção pelos jovens, e dentre eles a sua preferência recai sobre “a juventude pobre, abandonada,

em perigo”³. O serviço humanitário e de evangelização unifica a sua vida: “Basta que sejais jovens para que eu vos queira muito. [...] Por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida”⁴.

A “paixão apostólica animada totalmente de ardor juvenil”⁵ imprime ao serviço dos jovens um tom particular: chama-se “coração oratoriano” e se exprime por meio de um método que Dom Bosco chamou Sistema Preventivo, baseado na razão, na religião e na bondade⁶. Inspirando-se no exemplo e nos ensinamentos de Dom Bosco, o salesiano vive a experiência espiritual, pedagógica e pastoral do Sistema Preventivo⁷. Seu relacionamento com os jovens caracteriza-se pela cordialidade e por uma presença ativa e amiga⁸, que lhes favorece o protagonismo. Assume com alegria as fadigas e os sacrifícios que o seu convívio com os jovens implica, convencido de nele encontrar o seu caminho de santidade.

É importante perceber o envolvimento de toda ação educativa no meio da juventude, pelo qual estão inseridos e tomam propósitos de caminhar com Dom Bosco no meio dos jovens que constroem uma comunidade alternativa para crescerem juntos. Cada membro é responsável pela comunidade, pelo trabalho apostólico que vem desenvolvendo junto aos que mais precisam.

Aberto à ação do Espírito, Dom Bosco soube “interpretar os sinais dos tempos e responder, de modo iluminado, criativo e concreto, às necessidades emergentes”⁹. O diálogo com a realidade entrou-lhe no tecido da vocação. Participou pessoalmente da história da Igreja e da Pátria, captando-lhe a complexidade e nela inserindo-se como protagonista. Para ele, a conjuntura histórica tornou-se desafio e convite imperioso ao

³ C 26; cf. CGE 47; CG19, p. 101 (it.)

⁴ BOSCO G. *Il Giovane Proveduto*, cf. Opere Edite II, LAS Roma, p. 187

⁵ CGS 89

⁶ Cf. C 38

⁷ Cf. C 20

⁸ Cf. C 39

⁹ Cf. VC 9

discernimento e à ação. “Fui sempre avante [...] como Deus me inspirava e as circunstâncias o exigiam”¹⁰.

A questão do trabalho em Desenvolvimento Local da Unidade Paulo VI fica cada vez mais complexa para atingir os objetivos neste estágio do capitalismo, pois a industrialização, a informatização torna-se um fenômeno irreversível. Pode-se perceber que o avanço tecnológico dispensa cada vez mais pessoas, mão-de-obra. Surge uma massa sobrando que não é absorvida pelo trabalho na sociedade. Aumenta assim esta nova sociedade que à margem a tudo isso são levados como escravos da Internet, da digitalização e da aparência. Reflexos da nossa história, da nossa vida.

Portanto, a formação - como processo de assimilação da identidade - é compromisso que dura a vida inteira, é formação permanente para ser e tornar-se salesiano no meio em que se vive, em todas as etapas da vida, para viver salesianamente cada situação.

A vocação salesiana encontrou a sua realização paradigmática em Dom Bosco e a sua forma histórica mais original na primeira comunidade de Valdocco. É claro que a realização pessoal da única identidade salesiana tem rostos e histórias diferentes, segundo os dons recebidos de Deus. A história da santidade salesiana e a leitura inteligente da experiência de irmãos que viveram em plenitude o projeto evangélico salesiano põem em evidência a comunhão na fidelidade e a variedade de ressonâncias pessoais do carisma.

Esta constatação sublinha a necessidade de uma formação que saiba comunicar o mesmo núcleo identificador, os mesmos valores de sustentação, as mesmas características mestras, a mesma “cultura salesiana”¹¹ e que ao mesmo tempo estimule

¹⁰ Cf. MB VI, p. 381.

¹¹ Cf. VC 80

cada irmão a exprimir na vocação salesiana os dons que recebeu e nela encontre o caminho de sua plena realização em Cristo¹².

Identificação salesiana de cada irmão e personalização da identidade salesiana constituem tarefa permanente da formação como atitude pessoal e responsabilidade comunitária.

A comunhão será tanto mais sólida “quanto mais clara for a identidade vocacional de cada um e quanto maiores forem a compreensão, o respeito e a valorização das diversas vocações”¹³.

É importante frisar que dentro da formação humana é fundamental que os jovens passem por esta preocupação da saúde para serem homens de Deus e poder assim ter o equilíbrio psíquico, afetivo e sexual, com capacidades de relacionamento, liberdade responsável para a abertura à realidade onde vive.

As orientações e normas para a práxis salesiana pressupõem a dimensão espiritual, primado de Deus e do seu projeto de salvação, que dá sentido de Igreja, e presença de Maria Imaculada Auxiliadora; e a dimensão local, onde os jovens possuem um lugar de encontro com Deus, é a experiência de Deus na vida comunitária.

Na formação salesiana, têm-se os princípios do seguimento de Cristo obediente, pobre e casto. Em diálogo com o Senhor, por meio de orientações e normas, da dimensão intelectual, dos motivos e urgência, da natureza da formação intelectual. As escolhas que qualificam a formação intelectual do salesiano é a caracterização salesiana. Reflete na interação de teoria e práxis e sintonia com a conjuntura histórica.

A estruturação orgânica e unitária pressupõe a continuidade e a inculturação. As áreas culturais formam uma sólida cultura de base e o aprofundamento da fé por meio da Teologia. Uma coerente visão de pessoa, de mundo e de Deus por meio da Filosofia.

¹² Cf. C 22

As ciências humanas e da educação formam a “salesianidade”, especialização e profissionalidade, por meio de centros de estudo para a formação. Estes são algumas indicações para promover a formação intelectual, orientações e normas da dimensão educativo-pastoral. Formar para o Sistema Preventivo é a encarnação da missão salesiana. Formar para a Pastoral da Juventude Salesiana é realização do Sistema Preventivo.

Os valores e as atitudes próprios da dimensão educativo-pastoral revelam a predileção e a presença entre os jovens, sobretudo os mais pobres. A integração entre educação e evangelização, no sentido comunitário da pastoral salesiana, tem estilo de animação.

A perspectiva de uma pastoral orgânica e mentalidade de projeto seguem algumas linhas de formação: a qualificação educativo-pastoral, a escuta de Deus nas necessidades dos jovens, a atenção ao mundo da educação.

A reflexão teológico-pastoral e as orientações da Igreja revivem a assunção das orientações pastorais salesianas, pela formação na experiência quotidiana da missão, pelas atividades pastorais durante a formação inicial e orientações e normas para a práxis.

As linhas de metodologia formativa atingem a pessoa em profundidade: animar uma experiência formativa unitária segundo um projeto orgânico e assegurar o ambiente formativo e o envolvimento de todos os co-responsáveis.

A pessoa do salesiano vive a comunidade, em um ambiente de formação na comunidade local, na comunidade formadora, como centro de estudos, dirigido pela comunidade inspetorial e mundial, como co-responsáveis da formação, em nível local [Diretor; Equipe de formadores; professores e especialistas; contribuição dos leigos]; em nível inspetorial [Inspetor com seu Conselho; Delegado e Comissão inspetorial para a formação]; em nível mundial [Coligação e colaboração interinspetorial].

Os objetivos são: dar qualidade formativa à experiência cotidiana (o trabalho conjunto, a comunicação, o relacionamento interpessoal, o contexto sócio-cultural); qualificar o acompanhamento formativo (o acompanhamento comunitário, o acompanhamento pessoal); dar atenção ao discernimento (dimensão permanente da experiência salesiana, durante a formação inicial, em algumas circunstâncias particulares, orientações e normas para a práxis).

O itinerário formativo salesiano passa por processo que dura toda a vida. As características da formação salesiana respeitam os princípios básicos, que são: personalizados; comunitários; unitários e diversificados; contínuos e graduais; inculturados.

Neste sentido, compõem-se as orientações e normas para a práxis salesiana, o que coincide com os princípios de formação para o Desenvolvimento Local, nascedouro do conceito de Coesão Solidária, objeto de análise proposto nesta investigação.

1.5 COESÃO E SOLIDARIEDADE

Pela etimologia (MICHAELIS, 2002), do francês *cohésion*, do latim medieval *cohaesio*, *ónis*, para *cohaesum*, *supn*, e *cohaerére*; do francês histórico, em 1836, *cohesão*, significa força de atração entre átomos e moléculas que constituem um corpo e que resiste a que este se quebre. É também um tipo de força presente na coalescência [união de partes que se achavam separadas; aglutinação]. E solidariedade é derivação, no sentido figurado, de unidade lógica, coerência de um pensamento, de uma obra; no sentido figurado, é a associação íntima, solidariedade entre os integrantes de um grupo.

No trabalho desenvolvido pelos agentes da Unidade Paulo VI, percebemos que estão conectados e atentos ao atendimento integral e comunitário das famílias, na escola e

no oratório. Observamos a participação comunitária na estruturação das ciências políticas nos programas de Desenvolvimento Local, como instrumento da sinergia entre a academia e organizações sociais que potencializam para o desenvolvimento endógeno da coesão solidária neste Local.

Na mesma ótica, os participantes da obra salesiana desenvolvem uma força com os demais sujeitos para persistirem no ideal comunitário que faça valer a pena viver o presente e viver de forma organizada. A solidariedade se transforma em meio mais fácil e ágil para contribuir com os mesmos agentes e sujeitos. O pensamento Coesão Solidária está à luz de uma transformação saudável de se viver plenamente em uma comunidade, associação, grupo de pessoas que partilham um ideal, um carisma, uma ação social.

1.5.1 Coesão Solidária no contexto do DL

Os princípios de DL e Coesão Solidária foram estudados por meio dos conceitos e lógicas das respostas a questões, como: que é coesão; que é solidário; que é coesão solidária; que relação há entre coesão solidária e desenvolvimento local?

Ao analisar a Congregação Salesiana e sua pedagogia comparando ao contexto de formação comunitária para o Desenvolvimento Local, encontramos similaridades nas proposições da práxis de ambas, que refletem sobre: Quais os reflexos da formação e da prática educativa? Encontra-se, aqui, relação entre o desenvolvimento local e o estudo da Ratio dos salesianos, para a compreensão de como os salesianos trabalham segundo o projeto educativo salesiano com vistas ao Desenvolvimento Local.

Do estudo dos documentos da Igreja - Ratio *Fundamentalis Institutionis et Studiorum* - que são os princípios e normas da formação dos salesianos de Dom Bosco, correlacionou-se os documentos ao tratamento pastoral da comunidade estudada, segundo

as orientações que a Igreja Católica Apostólica Romana, propõe o trabalho missionário de cada ação evangelizadora. Investigou-se, por meio dos discursos apresentados no capítulo Resultados e Análise dos dados, a relação do o trabalho desenvolvido na Unidade Paulo VI com os princípios norteadores do Desenvolvimento Local.

Nesta mesma reflexão, constatou-se a importância do estudo da cultura da comunidade salesiana no desenvolvimento social, com enfoque na mensagem e na linha de pensamento que a própria obra salesiana deseja dar na continuidade do projeto de Dom Bosco. O sistema pedagógico supõe um educador com profunda convicção de que cada jovem, mesmo o mais marginalizado ou em perigo, exija energia e sinergia para o bem que, estimulado oportunamente, pode determinar a opção pela fé e honestidade.

1.5.2 Coesão Solidária vista pela doutrina salesiana

A Coesão Solidária vista pela doutrina salesiana se baseia no conceito de formação, que é o ato, efeito ou modo de formar, constituir (algo); criação, construção, constituição; maneira como uma pessoa é criada; tudo que lhe molda o caráter, a personalidade; criação, origem, educação; conjunto de conhecimentos e habilidades específicos a um determinado campo de atividade prática ou intelectual; conjunto dos cursos concluídos e graus obtidos por uma pessoa; ato ou efeito de dar forma; configuração, modelagem disposição (de objetos ou pessoas); posicionamento, ordenamento (WAGNER, 1977).

A história da Igreja, da Congregação Salesiana, da MSMT e da obra Paulo VI deixam marcas de um rompimento de barreiras que o Brasil passou e ainda passa em novas perspectivas de ensino na pedagogia para a formação de atores sociais. Segundo Gadamer e Vogler, “é criação de sua imaginação, de sua inteligência nata, junto com sua

configuração e seus elementos” (WAGNER, 1977, p. 2). Que o homem constrói a sua história e deixa marcas que há milênios podemos observar o desenvolvimento do ser humano, das sociedades organizadas e de toda pedagogia para formar o ser, a pessoa.

Ávila (2003, p. 92) referiu que “[...] as comunidades precisam cultivar o hábito de melhor conhecerem e aproveitarem tanto a suas peculiaridades e potencialidades humanas e sociais quanto a do seu meio de vivência”. Foi observado que durante a origem da construção da estrutura da unidade Paulo VI (Igreja, escola, casa de formação dos salesianos e oratório) desenvolve uma peculiar contribuição para a sociedade, ao formar “bons cristãos e honestos cidadãos”, princípios norteadores da filosofia de Dom Bosco.

Nesse mesmo rumo, a Igreja vem orientando o trabalho de formação da pessoa, podendo visualizar o rumo para o novo trabalho social, evangélico e comunitário, quer nas comunidades eclesiais, quer em outros ambientes, o apostolado requer, quase sempre, uma ação comum. Daí a grande importância que tem o apostolado associado. As associações fundadas com objetivo apostólico dão apoio aos seus membros e os formam para o apostolado, preparam-nos para agir corretamente do ponto de vista apostólico e os disciplinam, de modo a permitir que se obtenham resultados muito mais apreciáveis do que se agissem separadamente (CATÃO, C.V. II, n. 9.810, 1998).

A Abertura da Igreja para o novo, para o trabalho social, está impregnada nos dias atuais, porque havia uma tradição fechada. Neste novo contexto, a abertura se deu depois que a Igreja se reuniu para refletir novos rumos. Assim, da abertura e do estudo do Vaticano II pode-se ver os rompimentos de amarras e competências no trabalho da Igreja Católica Apostólica Romana com a comunidade internacional, cumprindo os deveres da lei natural e divina, consolidando a paz e unindo os homens e povos. “Deve-se cuidar especialmente de formar os jovens nessa perspectiva, tanto na educação civil como na religiosa”. A Igreja mostra sua pedagogia cristã e os formadores de catequeses se abrem,

para o novo trabalho de caminhar, convencidos de que as pessoas devem receber uma formação capaz de lutar para o bem.

A orientação do Concílio Vaticano II, para o trabalho com humanos, deixa claro que devemos, como cristãos, sermos colaboradores da construção da paz e da solidariedade entre os povos e nações.

Os cristãos podem igualmente prestar serviço à comunidade dos povos nas diversas associações católicas internacionais, que devem ser apoiadas, crescer em número de associados bem formados, em recursos de organização. Nesta época, a eficácia das iniciativas e a necessidade do diálogo exigem trabalho em conjunto. Tais associações contribuem igualmente para desenvolver o senso universal, que convém aos católicos e para formar a consciência de uma responsabilidade verdadeiramente universal e solidária (CATÃO, C.V. II. n. 1.933, 1998).

A Igreja com toda a família humana é de íntima união e, de certa maneira, as orientações estão dirigidas para o ser humano, que por sua vez somos e fazemos parte do mundo criado e conservado pelo amor do Criador, como crêem os cristãos. Dando assim testemunho dos cristãos que somos continuamos a transformação de nossas vidas em espírito e verdade, intensificando o ardor missionário.

1.5.3 Relação entre ambas e suas convergências

O mundo passa por profundas mudanças climáticas, mentalidades, que exigem de nós uma postura para não cairmos na ilusão e nem deixarmos que vença a inércia que a todos afetam, no combate ao individualismo.

Muitos vivem sem preocupação social, apesar de sustentarem, por vezes teoricamente, opiniões liberais e generosas. Outros não dão importância às leis, sonegam

impostos, desprezam as normas do convívio social, no que se refere, por exemplo, “a proteção à saúde pública ou à segurança do trânsito, sem se preocupar com os riscos que criam para sua própria vida e para a vida dos outros” (CATÃO, C.V.II, n. 1.413, 1998).

A complexidade das pessoas para se prepararem e serem “bons cristãos e honestos cidadãos” depende do próprio comportamento, que absorve o entendimento humano familiar, o meio ambiente, o meio social em que vive, as aspirações e escolhas, costumes e afetividade.

Os indivíduos que têm o entendimento de sua constituição emocional são “capazes de se comunicar de maneira eficiente com os outros, em uma base pessoal, provavelmente estão bem mais preparados para as tarefas e responsabilidades mais amplas da cidadania” (GIDDENS, 1996, p. 25).

No entanto, estamos vivendo em um planeta doente em todos os planos: físico, emocional, mental, conforme refletiu Tânia Pacheco (2006, p. 73), e, na escalada e caminhada para a dignidade humana e para a cidadania planetária, vê-se a violência, o desrespeito, a ganância e a corrupção se sobrepondo, muitas vezes, aos valores humanos. O Século passado assistiu a um desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento sem precedentes e chegou ao final fazendo-nos conviver com “o aparentemente irrefreável crescimento da pobreza da população mundial”. Como resultado, o objetivo dessa degradação a que estamos sendo submetidos, e com o qual de alguma forma compactuamos, degenera a Terra, seus oceanos, rios, montanhas, lagos, terras, ar.

Sergio Boisier (apud DI PIETRO, 1999, p. 8) analisou Desenvolvimento Local diante da realidade planetária, mais como uma dedução do que a própria definição ou conceito:

Lo local es um concepto relativo a um espacio más amplio. No puede analizarse lo local sin hacer referencia al espacio más abarcador em el cual se incerta (município, departamento, provincia, región, nación). Actualmente se juega con la contraposición 'local/global' mostrando las paradojas y relaciones entre amb os términos.

Já Yared (1995 apud Michaelis, 2002, p. 23-4) definiu o desenvolvimento local com algumas proposições:

[...] processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Apesar de constituir um movimento de forte conteúdo interno, o Desenvolvimento Local está inserido em uma realidade mais ampla e complexa com a qual interage e da qual recebe influências e pressões positivas e negativas.

Com conceito genérico de desenvolvimento local pode ser aplicado para diferentes cortes territoriais e aglomerados humanos de pequena escala, desde a comunidade até o município ou mesmo microrregiões homogêneas de porte reduzido. O Desenvolvimento Comunitário é, portanto, um caso particular de Desenvolvimento Local, com uma amplitude espacial delimitada pelo corte político-administrativo do local (CASTELLS, 1999).

Nesta mesma importância de definir [conceituar] desenvolvimento local, Ballesteros (1998, p. 91) também se aproximou do importante campo de definição na dialética global/local: “És desarrollo local no es pensable, si no se inscribe en la racionalidad globalizando de los mercados pero tampoco es viable si no se plantea su raíces en las diferencias identitarias que lo harán un processo habitado por el ser humano”.

Le Bourlegat (2000) referiu que, diante da globalização, o desenvolvimento local é uma resultante direta da capacidade de os atores e as sociedades locais se estruturar e se mobilizar, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e

explorar suas prioridades e especificidades, buscando a competitividade em um contexto de rápidas e profundas transformações.

Em uma contribuição da ONU, o ex-secretário, Boutros Galli¹⁴ (apud MAILLAT, 2002), o desenvolvimento social deve ser entendido no sentido amplo, que implica progresso em direção a níveis de vida mais elevados, maior igualdade de oportunidades e respeito aos direitos humanos, aumentando as habilidades de os indivíduos controlarem suas próprias vidas através de ações econômicas, sociais e políticas.

Ávila (2000, p.20-1), ao discorrer sobre desenvolvimento local, coadunou com os princípios e diretrizes da formação salesiana, como um processo de transformação econômica, política e social, pelo qual o crescimento do padrão de vida da população tende a tornar-se automático e autônomo. É um processo social global, em que as estruturas econômicas, políticas e sociais de um país sofrem contínuos e profundas transformações. Para o autor, não tem sentido falar em desenvolvimento apenas econômico, ou apenas político, ou apenas social. Na verdade, não existe desenvolvimento dessa natureza, parcelado, setorializado, a não ser para fins de exposição didática. O desenvolvimento, portanto, é um processo de transformação global.

¹⁴ Cf. “Commitments that Might Make History”, in Social Watch, instituto de Tercer Mundo, Montevideo, 1996, p.12.

CAPÍTULO 2

DOS PRINCÍPIOS DE DOM BOSCO A UNIDADE PAULO VI

O presente capítulo apresenta os Princípios de Dom Bosco, refletindo sua história, carisma e proposta de organização educativo-social. Posteriormente, a Unidade Paulo VI é apresentada por meio de seu histórico e princípios, bem como a estrutura física e humana, apontando seus aspectos fundamentais: a competência e a capacidade de colaborar com uma educação qualificada, à luz dos princípios de Dom Bosco, na conjunção de salesianos padres, salesianos coadjutores (Mestres), equipe pedagógica, jovens educandos e comunidade.

2.1 DOM BOSCO – VIDA, OBRA E ORATÓRIO

Dom Bosco, desde garoto, já conseguia atrair seus amigos com brincadeiras, histórias e habilidades que aprendeu imitando artistas da época. Ao longo de sua juventude, com sua liderança alegre e criativa, inspirado pelo sonho dos nove anos, foi reunindo e formando inúmeros jovens para serem “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Como padre, Dom Bosco se lançou ainda mais no desafio de educar os jovens na fé. Sua preocupação estava voltada para aqueles mais pobres e excluídos, muitos deles delinquentes e abandonados, frutos da crise econômica, política e social pela qual a Itália vivia naquela época (séc. XIX). Dom Bosco caminhava pelas ruas e praças chamando os garotos para um ambiente onde pudessem encontrar alimento, estudo, lazer e o afeto tão indispensável para uma educação ao amor e à fé.

No Oratório de Dom Bosco reinava um clima de família e festa. Neste ambiente educativo prevalecia a espontaneidade, o amor, a confiança, a bondade, o respeito e a alegria. Cada menino se sentia amado e acolhido. Viviam-se momentos repletos de alegria com brincadeiras, jogos, atividades, músicas, teatros, passeios, além da aprendizagem de “ofícios” e da formação religiosa (catecismo). No Oratório, os garotos tinham a oportunidade de se unirem mais a Deus por meio da orientação espiritual, das orações e da participação nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação. A fé em Jesus Cristo dava sentido a tudo o que se fazia no Oratório. Também Maria, Auxiliadora dos Cristãos, era sempre invocada. Como Dom Bosco dizia: “Foi Ela quem tudo fez”.

Dom Bosco não trabalhava sozinho no Oratório, ele sempre contava com o apoio, presença e assistência educativa de jovens colaboradores que se entusiasmavam por este mesmo ideal vivido por ele e, assim, no dia 08 de dezembro de 1845, nascia em Turim o primeiro oratório festivo.

Os princípios norteadores e maneiras de atuação formativa salesiana é uma profunda experiência de conhecer e compartilhar o trabalho com pessoas. No entanto, a convivência entre os homens também traz em si limitações, dificuldades e outros sentimentos conflitantes, como relataram muitos pensadores e pesquisadores, a exemplo, Tolstói (1961) descreveu experiências das marcas de contradições do agrupamento de pessoas. Contudo, apesar das incompatibilidades entre indivíduos, a comunidade há de se

esforçar para manter-se firme e apoiar-se na instituição, no Estado, em toda estrutura social.

Somos todos irmãos: – no entanto, cada manhã, este irmão ou esta irmã vai despejar meu vaso noturno. Somos todos irmãos, – e no entanto, cada dia eu preciso de um charuto, de açúcar, de um sorvete e de outros objetos para cuja fabricação meus irmãos e irmãs, que são iguais a mim, sacrificam a sua saúde; sirvo-me desses objetos e chego mesmo a exigí-los. Somos todos irmãos – e no entanto ganho a vida num banco, numa casa de comércio, numa loja cujo resultado é encarecer todas as mercadorias necessárias a meus irmãos. [...] Somos todos irmãos – e recebo um ordenado para pregar aos homens uma pretensa fé cristã na qual eu mesmo não creio, e que os impede de conhecer a verdadeira; recebo honorários como padre, bispo, para enganar os homens na questão que lhes é essencial. Somos todos irmãos – mas somente por dinheiro proporciono ao pobre meu auxílio de pedagogo, médico ou literato (TOLSTOI, 1961, p. 81-2).

Na essência desta contradição está a desigualdade entre as pessoas: entre a maioria pobre que sofre com a impossibilidade de conquistar boa parte daquilo que ambiciona ter ou ser e a minoria rica que, apesar da riqueza de que dispõe e da altivez com que se porta, sofre com o medo de perder tudo, de que os pobres se rebelem contra a enganação e as privações que lhes são impostas. Muitos são os escravizados pela pobreza, pela miséria, em benefício de poucos; estes, escravizados pelo medo. Neste meio, Tolstoi (1961) sugeriu que o ódio se prolifera como fogo em palha seca.

As classes dirigentes estão, em relação às classes trabalhadoras, na mesma situação de um homem que tivesse derrubado seu adversário e não pudesse soltá-lo; nem tanto por não querer quanto por saber que um momento de liberdade dado ao inimigo irritado e armado de faca, seria suficiente para ser degolado. [...] Por esta razão, [...] nossas classes abastadas não podem gozar das vantagens espoliadas aos pobres, como os antigos que acreditavam no seu direito. Toda vida e todos os prazeres lhes são perturbados pelo remorso ou pelo medo (1961, p. 84).

Segundo Tolstoi, a verdadeira paz não pode ser conquistada sem confiança recíproca. “A verdadeira paz se baseia na confiança recíproca, enquanto estes formidáveis armamentos revelam, senão uma hostilidade declarada, pelo menos uma desconfiança mascarada” (1961, p. 89).

As maneiras de atuação destacadas na história salesiana, desde os primeiros anos da vida sacerdotal de São João Bosco, é uma questão que foi detectada logo no início

da sua vida religiosa, era a de oferecer um ambiente rico de família, amizade, encontro, formação profissional.

O Pensamento de Dom Bosco referente ao trabalho com os Jovens solidifica preconizando a importância do espaço e do tempo para se dedicarem ao religioso e profissional. Podemos notar no *Missioni Don Bosco*:

Una acción que quiere ayudarle a los jóvenes a prevenir y a afrontar el peligro de la delincuencia; o a rescatarlos y rescatarse a sí mismos de ella y de sus consecuencias. Es, pues, una alternativa pedagógica a medios coactivos de la época, como la reclusión o el trabajo forzados que pretendían corregir al muchacho amenazándolo, poniéndolo en situaciones que lo incapacitaran para llegar al contagio negativo del medio social, o haciéndolo expiar sus conductas delictivas.

La típica expresión educativa del oratorio es la educación religiosa y moral del muchacho de la calle, y la capacitación intelectual y laboral, como recurso inmediato de supervivencia y superación en el medio urbano de Turín.

Pero otras características, además de estas, dan fisonomía propia al Oratorio de Don Bosco. Él no lo quiere circunscrito al territorio parroquial, ni a una clase exclusiva de chicos. Su oratorio se movía hacia las periferias y al “bajo pueblo”, pero estaba abierto a todos. Particularmente a los emigrantes de provincias cercanas y era este flujo migratorio que le daba una fisonomía particular, que preludiaba situaciones y problemas del mundo contemporáneo. Este es un énfasis puesto por Pietro Stella en su reciente publicación, “Don Bosco”, en la editorial El Molino de Milán (Missioni Don Bosco,2001).

Em Mato Grosso do Sul, notamos o esforço para dar continuidade deste trabalho, pelo qual muitos de nós somos parte da educação formativa de Dom Bosco. É importante destacar que o trabalho na unidade Paulo VI vem endogeneizar o povo ao redor, que por sua vez tornaram-se parte integrante deste processo.

Desde 1964, pessoas leigas deram ampla contribuição no desenvolvimento e construção desta obra, como também da sociedade.

Segundo Dom Bosco, o “Oratório” é o local por onde salesianos e leigos promovem o movimento pastoral e educativo, preventivo e promocional, vivência e profissionalização dos jovens mais necessitados para tirá-los dos riscos sociais.

O âmbito educativo acessível aos garotos pobres é como um atrativo, desenvolvendo uma pastoral festiva, recreativa e de tempo livre (jogos, música, canto); a

relação espontânea e informal entre educadores e educandos (“amabilidade” e “espírito de família”); a síntese entre valores pedagógicos e evangelizadores, entre as experiências formativas e a vida real, que se articulam na organização ágil e criativa da sociedade.

A base do encontro educativo está na rua e no pátio, e deste núcleo germinal surgem outros elementos oratorianos decisivos, como a igreja; a “casa anexa”, moradia do garoto pobre; as escolas; as oficinas de capacitação básica e profissional. Local em que ocorrem as atividades de tempo livre e do associacionismo, como expressões típicas do protagonismo pedagógico dos jovens.

Dom Bosco, na sua infinita discrição durante sua vida, percebeu que precisava de leigos para trabalhar com a sua obra em prol da juventude pobre e abandonada. Pode-se pensar que teve uma idéia para o próprio desenvolvimento humano-cristão, local, oferecendo oportunidades para os jovens se desenvolverem.

2.2 IDENTIDADE DO SALESIANO COADJUTOR: O MESTRE

A necessidade de se ter, na comunidade religiosa, uma pessoa leiga que, por opção, poderia ser consagrada para o serviço de Deus e da juventude, foi o genial pensamento que Dom Bosco teve para o trabalho educativo e profissional. Em momentos difíceis do trabalho educativo e profissional, contou com os leigos (Mestres), com esperança da continuidade do seu trabalho apostólico e profissional da Obra Salesiana, principalmente, para o trabalho com os mais pobres. Os Mestres são, desde a época do fundador, pessoas qualificadas para o trabalho em Oficinas. Pessoas qualificadas em uma função que os padres não podiam exercer, devido a sua especificidade consagrada e religiosa.

Eram leigos que se destacavam no meio da Juventude e que, de uma forma ou outra, deixavam Dom Bosco maravilhado, e confiava aos Mestres os serviços administrativos da obra. A razão de ser Salesiano de Dom Bosco foi descrita:

Cada um de nós é responsável pela missão comum e dela participa com a riqueza de seus dons e das características laical e sacerdotal da única vocação salesiana.

O salesiano coadjutor leva para todos os campos educativos e pastorais o valor próprio de sua laicidade, que o torna de modo específico testemunha do Reino de Deus no mundo, mais próximo dos jovens e das realidades do trabalho.

O salesiano presbítero ou diácono leva ao trabalho comum de promoção e de educação para a fé a especificidade de seu ministério, que o torna sinal de Cristo pastor, principalmente com a pregação do Evangelho e a ação sacramental. A presença significativa e complementar de salesianos clérigos e leigos na comunidade constitui um elemento essencial de sua fisionomia e completeza apostólica (Constituição dos Salesianos de Dom Bosco, 2001, p. 45).

As especificidades do salesiano sacerdote são: a colocação em evidência da figura de Cristo pastor, do qual o Salesiano, como Dom Bosco, é testemunha para os jovens necessitados, especialmente na pregação do Evangelho e na administração dos sacramentos; o aprofundamento do sentido eclesial de unidade e comunhão com a Igreja, particularmente com o Papa e os Bispos; a docilidade na acolhida do seu magistério, ajudando também aos jovens e fiéis a acatar os seus ensinamentos; a experiência vital do ministério sacerdotal no interior e partindo do interior da comunidade local e inspetorial em complementaridade recíproca com o salesiano leigo; a promoção da capacidade de discernir a vontade de Deus nos acontecimentos e pessoas a fim de preparar-se para a animação e direção espiritual, especialmente dos jovens; o desenvolvimento de uma especial sensibilidade, própria do espírito salesiano, pela dimensão catequética, vocacional e mariana, no exercício de seu ministério sacerdotal; o crescimento na consciência de que o sacerdócio é uma dimensão específica da sua vocação salesiana, presente em todas as suas atividades, sendo ele, como Dom Bosco, padre ou diácono sempre e em todos os lugares. A Congregação Salesiana conta, hoje, com 11.069 sacerdotes e 17 diáconos, que trabalham

lado a lado com os Salesianos Leigos em comunidades a serviço dos jovens do mundo todo.

As especificidades do Salesiano Coadjutor (Mestre) são: a resposta à vocação de batizado chamado por Deus a doar-se totalmente a Ele em Cristo, para servi-lo como 'religioso leigo' na Congregação salesiana; a realização da missão específica de promover a educação integral cristã dos jovens, especialmente dos mais pobres, com o espírito de Dom Bosco, em comunhão com o Salesiano sacerdote, dentro de uma comunidade religiosa; o viver com as características próprias da vida religiosa a sua vocação de leigo que busca o Reino de Deus cuidando das coisas temporais e orientando-as segundo Deus; a realização da missão de evangelização e santificação não sacramental com a intensidade que deriva da sua consagração específica e por mandato da Igreja.

Hoje, a Congregação Salesiana conta com 2.317 Coadjuutores Salesianos que trabalham lado a lado com os sacerdotes na comunidade, a serviço dos jovens de todo o mundo. Atuam como educadores que animam e coordenam ou dirigem obras e atividades várias da missão salesiana, como escolas, albergues, institutos técnicos, centros de promoção agrícola, centros editoriais no âmbito da imprensa, da rádio, da TV, centros de desenvolvimento social, legislativo e econômico, etc. (Fonte: CG21, 172, 173, 178).

Quero deter-me particularmente sobre o caráter específico da vocação do Salesiano Coadjutor (Mestre), que marca toda a sua ação, a caminho da santidade. O carisma salesiano não seria aquilo que deve ser, sem a figura do coadjutor, pois ela amadureceu ao lado de Dom Bosco, na partilha do 'Da mihi animas', no calor da caridade pastoral e educativa, na contínua busca da santidade: não como força complementar de trabalho, mas na experiência de Deus, vivida na comunidade e no serviço aos jovens, no trabalho apostólico e profissional.

Os mestres cresceram assim ao redor de Dom Bosco, em nível humano, profissional e religioso e foram verdadeiros tesouros, não tanto pelo papel que assumiam, mas sim pela qualidade educativa que exprimiam.

Na Congregação salesiana, não existem dois graus: um dos padres e outro dos mestres, pois a vocação é salesiana de Dom Bosco e assim o somos, trabalhamos em uma missão. O mais importante para Dom Bosco era o testemunho de vida consagrada salesiana que era passada aos jovens. E mais importante ainda que formassem uma só família, a Salesiana.

A presença do Salesiano Mestre enriquece a ação apostólica da comunidade: torna presente aos salesianos presbíteros os valores da vida religiosa. Sua espiritualidade é a ação. Faz o mundo do trabalho o lugar habitual de encontro e diálogo com Deus. Neste campo significativo pratica a ascese e constrói seu altar: celebra a liturgia da vida oferecendo-se, a si mesmo e seu cotidiano, como ‘hóstia viva, santa e agradável a Deus’.

Don Bosco decía que una característica del salesiano coadjutor debía ser animar cristianamente el mundo del trabajo, del que tomaba algunos valores. Que siguen siendo actuales: el carácter de ascesis y severa autodisciplina, y el testimonio y eficacia en defender la fe de religiosos trabajadores frente a una opinión pública especialmente sensible al significado del trabajo (CG21, 183).

El salesiano coadjutor en sí educa evangelizando y evangeliza educando. Por ello, al desempeñar las encomiendas que se le han dado, logra que su realización con cuantos trabajan con él, sean su objeto de su servicio, caracterizándose por estar llenas de respeto, comprensión, sentido de justicia y caridad fraterna sincera, transforma su actividad en apostolado, pues vive el Evangelio, lo testimonia con los hechos y lo irradia con su modo de hacer (CONFERENCIA, 1967, p.119).

El Coadjutor Salesiano es una creación genial del corazón de Don Bosco, inspirado por la auxiliadora. [...] Una palabra de claridad y de discernimiento a cerca del momento que vivimos respecto al Salesiano Coadjutor ha dicho en 1980 Egidio Viganó: La congregación es un particular Instituto de la vida cotidiana activa, explícitamente inserto, también, en las preocupaciones seculares de la vida humana. [...] Haced lo posible y me atrevería a decir lo imposible por cultivar las vocaciones (Don Bosco MB XIV, p. 133).

O Mestre vive a laicidade segundo o seu desempenho nas tarefas temporais da sua época da Educação, da família, da saúde, da ciência, da cultura, do trabalho, da justiça e da política como também nas estruturas civis e sociais, procurando impregnar a vontade

de Deus, a satisfação pessoal de pertencer a uma congregação por opção de vida. O Mestre pertence à Igreja e muda de acordo com o tempo e o espaço, buscando uma identidade temporal, atualizando-se no mundo em que ele se encontra, vivendo o seu século com seus deveres de pessoa cidadã nas ocupações e compromissos da congregação.

2.3 HISTÓRICO E PRINCÍPIOS DA “UNIDADE PAULO VI”

Em 1964, dois salesianos da Chácara São Vicente deram início à caminhada histórica da futura “Obra Social Paulo VI” com o “ajuntamento” de meninos, formando um incipiente oratório salesiano e, a partir daí, vários salesianos padres, mestres e pós-noviços tem ajudado para que essa obra se torne consistente. Para comemorar o primeiro aniversário do oratório Paulo VI, foram inaugurados cinco campos de futebol e dez jogos de camisa em uma grande competição esportiva.

No dia 09 de dezembro de 1965, aconteceu a inauguração do primeiro barracão que serviu para as reuniões, celebração da missa, etc. Anos mais tarde, foi construída a Escola Estadual Rui Barbosa. Na foto a seguir pode-se observar, no fundo à direita, o barracão, e do lado esquerdo a Escola.

Foto 01 – Vista parcial das dependências da Unidade Paulo VI.



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI

Em 1966, as irmãs salesianas reforçaram o grupo de animadores do oratório e, no dia 05 de junho desse ano, ocorreu a primeira festa de Nossa Senhora Auxiliadora no Oratório, com procissão e coroação da imagem; os festejos foram animados pela banda musical dos pós-noviços da Chácara São Vicente.

Em 30 de maio de 1971, inaugurou a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, com o lançamento da primeira pedra da futura Igreja Matriz, cuja construção foi iniciada em 1967 (ver foto 2).

Foto 2 – Matriz Nossa Senhora Auxiliadora em construção



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI – 1967.

Em 1972, começou a funcionar a “Escola Rui Barbosa” em convênio com a Secretaria da Educação do antigo Estado de Mato Grosso. Em 11 de outubro de 1985, aconteceu a solene inauguração da nova casa “Pós-noviciado Paulo VI” e, devido ao fato de já estar próximo ao final do ano, decidiu-se que os pós-noviços e a comunidade formadora permanecessem na Casa Inspetorial. No ano seguinte, a comunidade se estabilizou definitivamente na casa. Em 1989, realizaram-se grandes festejos por ocasião das Bodas de Prata de Fundação da Obra Social Paulo VI.

Mais recentemente, no dia 30 de novembro de 2000, aconteceu um fato importante, que foi o primeiro Projeto Educativo Pastoral Salesiano-PEPS da Obra Social Paulo VI como um todo, elaborado por 54 pessoas, entre salesianos, pré-noviços e leigos, representantes de seus quatro setores. Como se vê, é uma obra que desde o seu início demonstra e vivencia uma vibração salesiana muito grande, tornando-se um sinal visível do carisma salesiano nestas terras abençoadas por Deus.

No ano de 2005, a obra perdeu sua independência jurídica e se apresentou perante a lei como departamento da MSMT, fato que acarretou a mudança de nome de “Obra Social Paulo VI” para “Salesianos Paulo VI”.

Esta é a comunidade Salesiana Paulo VI, que tem como setor hegemônico a casa de formação pós-noviciado, somada a outros setores: Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, com 17 comunidades, contando com diversas atividades, tais como: oratório, grupos de jovens, coroinhas e acólitos; Escola Rui Barbosa e o Oratório Centro Juvenil Paulo VI, que tem o funcionamento sempre nos finais de semana. Cada setor tem o seu respectivo responsável primeiro, que anima os mesmos. Baseado nos princípios de Dom Bosco, as festas permeiam as atividades desenvolvidas na Unidade (ver fotos a seguir).

FOTO 3 - Festa no oratório.



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI - 1977

FOTO 4 - Preparação da Festa Junina.



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI - 1977

FOTO 5 - Jogos da Unidade Paulo VI.



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI - 1977

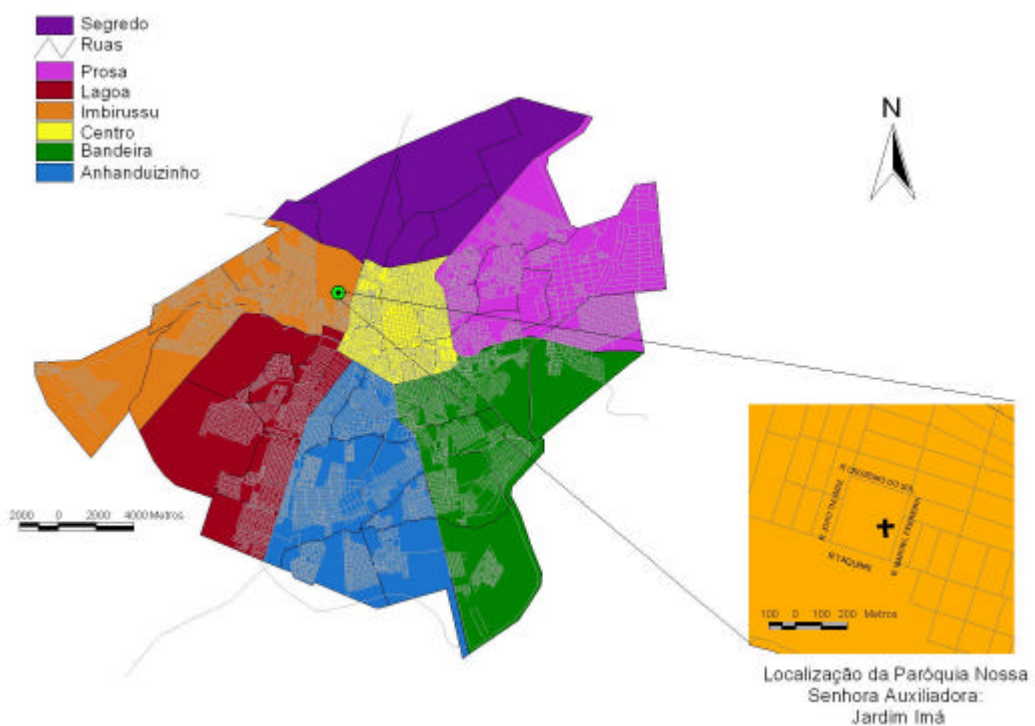
FOTO 6 – Inauguração do Parque infantil.



Fonte: Arquivo documental da Unidade Paulo VI - 1977

Na comunidade foi identificada a presença de oito pós-noviços da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, com os 21 pós-noviços e seis formadores da MSMT, passaram a compor uma das maiores comunidades salesianas do Brasil.

A Unidade Paulo VI contou com apoio dos devotos que frequentam a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, bem como suas capelas localizadas na territorialidade do Bairro Santo Antônio de Campo Grande (ver fotos a seguir).



Mapa – Campo Grande – Localização da Unidade Paulo VI

Fonte: Geoprocessamento de dados UCDB - 2007

Foto 7 - Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora – Matriz.



Foto: Leila P. Sant'Ana Mazzini, maio/2005.

A Data de Fundação da Sociedade São Francisco de Sales foi 30/05/1971, localizada na Rua Manoel Ferreira n. 171, Bairro Santo Antônio.

2.4 SÍNTESE HISTÓRICA CRONOLÓGICA DA UNIDADE PAULO VI (de 1964 a 2005)

Esta Unidade apresenta características específicas das ações dos salesianos e leigos, em um trabalho voltado não só para religião, mas para o trabalho social, objetivando a melhoria de vida da população do entorno da comunidade.

Foto 8 – vista aérea da Unidade Paulo VI.



Fonte: Arquivo da Unidade Paulo VI

Em 1964, a Unidade Paulo VI desenvolveu-se graças ao trabalho realizado pelos salesianos e comunidade, que ali começaram um bairro, quando a história começou.

Enquanto os salesianos trabalhavam nas Obras Chácara São Vicente, Colégio Dom Bosco e outras atividades juvenis, no Bairro Amambay, hoje, o Bairro Santo Antônio, o Pe. Moacir Queirós e o Mestre Paulo Pires fundaram o oratório salesiano (1964). Um ano foi suficiente para marcar o início de uma grande obra que deixaria marcas mais tarde para os sucessores salesianos e leigos que ali moravam.

No período de 1965, o Pe. Carlos del Torchio, junto a dois salesianos pós-noviços, pertencentes à comunidade da Chácara São Vicente, assumiram a animação do Oratório Paulo VI, ocasião em que foi comemorado o primeiro aniversário do oratório, um ano de existência. E foi acontecendo de maneira simples e sempre arrebanhando muitas crianças e muitos jovens, tinha-se a idéia de que se tornaria uma Obra Social que atendesse a população em desenvolvimento.

Um ano depois, 1966, as Salesianas integraram à equipe do Oratório para contribuir na formação catequética, as Irmãs Beatriz e Helena. Foi um período de grandes comemorações e celebrações, sendo realizadas com procissões e principalmente, com a participação da comunidade local que residiam ali. Nesse mesmo ano, o Pe. José Motta fundou o clubinho vocacional “Domingos Sávio”, com um grupo de garotos do Oratório, em uma demonstração que a comunidade atendeu ao chamado e necessidades do local. Trinta oratorianos, aproximadamente, celebraram a 1ª. Eucaristia, cuja comemoração foi seguida por uma procissão e coroação da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, animada pela banda dos Pós-noviços da Chácara São Vicente. O Bispo de Campo Grande, Dom Antônio administrou o sacramento da Crisma a um grupo de cinquenta oratorianos.

Como toda obra salesiana deve ter um diretor ou coordenador, em 1967, o Pe. João Reghetti passou a ser o coordenador para animar e articular os trabalhos

desenvolvidos no Oratório Paulo VI. O Coordenador pertencia à Comunidade do Colégio Dom Bosco.

E assim foi se desenvolvendo, com a ajuda dos leigos, os salesianos construíram o Prédio para as oficinas, onde atualmente é a sede do Oratório Centro Juvenil Paulo VI (1970).

No ano seguinte, o Pe. João Falco assumiu a coordenação da Obra Paulo VI e lançou a Pedra fundamental da igreja Matriz Nossa Senhora Auxiliadora, homenageando a Mãe de Jesus (1971).

Com experiência na educação, o Pe. João Falco abriu a “Escola Rui Barbosa”, em convênio com a Secretaria do Estado de Mato Grosso. Com muito esforço e dedicação, esta obra contribuiu com os jovens na preparação para o futuro, e o Pe. João Falco foi o encarregado da escola, até 1972.

Muitas novidades ainda aconteceram durante o ano, como ampliação dos campos de futebol, ampliação da escola para atender mais alunos e possibilitar um bom ambiente para eles. Ao terminar a construção do prédio da escola, surgiram várias oficinas que funcionavam na escola, logo após, em 1974, foram inaugurados o oratório e a Igreja.

A arborização foi também questão de tempo e quem se encarregou de arborizar a Obra do plantio foi o Pe. Jair Gonçalves Ribeiro, em 1976. O Pe. Antônio Secundino de Castro foi o Pároco da Igreja até 1979, sendo substituído pelo Pe. Eduardo Ambrósio, em 1979.

Nas reflexões da congregação salesiana, da MSMT, o Capítulo Insuperiorial (CI), no mês de julho de 1980, declarou implementar um novo Oratório, aí surgiu a idéia do local da Obra Social Paulo VI, com toda a sua legalidade que a congregação pediu, seria modelo de Oratório a ser vivido. Este CI foi fundamental para a Inspeção, a congregação e, principalmente, a sociedade.

Com este mesmo trabalho de tornar o Oratório Centro Juvenil Paulo VI, constituída legalmente, o primeiro diretor foi nomeado em 1981, até então apenas era conduzido por encarregados e coordenadores, foi o Pe. Antônio Pennisi.

Com a inauguração da igreja matriz Nossa Senhora Auxiliadora e chegada dos salesianos no Brasil (1983), foi desenvolvendo atividades grupais tais como: coral, jogos, teatro, competições, entre outros com atividades formativas e atividades lúdicas com os garotos do oratório centro juvenil.

Em 1985, o Pe. Afonso de Castro foi nomeado diretor da Obra Social Paulo VI e Pe. Felipe Zentner o novo Pároco da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, nesse mesmo ano, foi inaugurada a casa de formação dos salesianos pós-noviços para estudar o curso de filosofia, os de especificidade clerical e Pedagogia para os Mestres.

A alegria da comunidade estava sempre ligada com as festividades salesianas, pois uma casa sem alegria, sem música, é uma casa sem alma. Grandes festejos do Centenário da Morte de Dom Bosco. No mês de maio, houve a inauguração da nova e belíssima estátua de Nossa Senhora Auxiliadora na Igreja Matriz; e no mês de agosto inaugurou-se o altar, estante para a leitura, estante para o tabernáculo e credência, fabricados pelo Mestre Luis Wurstle, como também dois grandes painéis sobre Dom Bosco. Pe. José Foralosso assumiu a coordenação do Oratório-Centro Juvenil (1988).

Nas Bodas de prata da fundação da obra social Paulo VI houve grandes festividades, época em que o Pe. Osmar Bezutte tomou posse como novo diretor (1989) e Pe. Francisco Teixeira, como novo Pároco (1990). Neste período, organizou-se uma Diretoria do Oratório-Centro Juvenil. Por Assembléia dos jovens da Paróquia, iniciaram a Pastoral da Juventude Paroquial (1991).

Pe. Augusto Issao Kian assumiu a direção da Obra Social Paulo VI (1995). Em 1997, houve o I BOSCOFEST (Encontro dos Oratórios das Comunidades da Paróquia), com grande participação comunitária.

P. Eduardo Pinheiro da Silva assumiu a direção da Obra Social Paulo VI, em 1998. A Celebração Eucarística Juvenil na Matriz, em 1999, foi presidida pelo Reitor-Mor Don Juan Vecchi.

A 1a. Reunião do Conselho da CEP (Comunidade Educativa Pastoral) da Obra Social Paulo VI, para a consciência do valor, da identidade e das responsabilidades da mesma, ocorreu em 2000. E a 2a. Reunião do Conselho da CEP enfocou a elaboração do Projeto Educativo Pastoral Salesiano-PEPS da Obra Social Paulo VI, em 2001.

Constatou-se que o trabalho salesiano na Unidade Paulo VI foi consolidado, por meio de ações desencadeadas, tendo em vista participação comunitária local. Dos oratorianos da referida Unidade, muitos se tornaram sacerdotes e ou mestres, divulgando e dando continuidade à Obra Educativa de Dom Bosco.

O marco operativo salesiano adotado na Unidade Paulo VI descreve a ação ideal que imaginamos: são os nossos sonhos, desejos, ideais. É o que se deseja daquilo que se acredita. Para tanto, o marco operativo do PEPS (2001, p.9), elaborado junto aos leigos da Obra Social Paulo VI, descreveu: “Desejamos que os quatro setores da Obra Social Paulo VI (Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Escola Rui Barbosa, Oratório Paulo VI e Casa de Formação) sintam-se um só, que sejam uma só família e entrosados em prol dos jovens e de suas famílias, acolhendo-os e auxiliando-os em sua formação integral a partir dos elementos da Espiritualidade Juvenil Salesiana, conduzindo-os à sua libertação humana através do estímulo à participação e ao espírito de liderança” (PEPS, 2001, p.9).

O Marco operativo para a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora: “Queremos a unidade dos setores na programação e dinâmica paroquiais e na busca de novos meios de

evangelização, principalmente na catequese (crismandos) e na pastoral vocacional e de uma inserção no oratório” (PEPS, 2001, p.9).

O da Escola Rui Barbosa: “Prendemos realizar um trabalho pastoral-escolar que vise um maior conhecimento do carisma salesiano e experiência cristã entre os alunos, pais, professores e funcionários através da responsabilidade e atenção da Família Salesiana” (PEPS, 2001, p.9).

Do Oratório Paulo VI: “Queremos vivenciar a Espiritualidade Juvenil Salesiana no Oratório Paulo VI, valorizando o protagonismo juvenil leigo e dos oratorianos e a presença da Família Salesiana na coordenação e organização do mesmo” (PEPS, 2001, p.9).

Para a Casa de Formação: “Desejamos que através de uma atitude formativa a Casa de Formação se caracterize cada vez mais pelo seu testemunho de vida consagrada tornando-se, assim, animadora de vocações” (PEPS, 2001, p.9).

Portanto, a Coesão Solidária se manifesta no marco operativo elaborado junto aos leigos da obra salesiana, que se organiza de forma complementar e indissociável aos princípios conceituais do desenvolvimento local. Como referencial, Méndez (2002) referiu que são condições *sine qua non* a criação de um clima social, onde é perceptível certa mobilização em favor do desenvolvimento local e uma permeabilidade a incorporação de novidades capazes de romper com inércias herdadas, ineficazes ou injustas; a existência de redes locais de cooperação, formais ou informais, que tornam possível a realização de projetos comuns e que em determinados casos podem impulsionar diferentes formas de inovação; a presença de instituições públicas, locais e regionais, que adotam uma atitude protagonista em apoio à inovação e ao desenvolvimento territorial mediante a geração de iniciativas próprias, a negociação de acordos com outras instâncias públicas e privadas, ao mesmo tempo que asseguram uma eficiente participação da sociedade civil nos processos

de informação e decisão; um esforço quanto a melhorias na formação de recursos humanos, podendo incluir desde o ensino em seus diversos níveis a qualificação e reciclagem da comunidade, até uma adaptação adequada de oferta formativa às demandas do saber fazer local.

CAPÍTULO 3

RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO DA UNIDADE PAULO VI E A COESÃO SOLIDÁRIA EM DESENVOLVIMENTO LOCAL

Neste capítulo foram analisados os dados coletados, oriundos, dos resultados dos questionários, bem como aqueles referentes ao Grupo da Unidade, Relato do discurso, Análise dos eixos integradores da Formação Salesiana e Desenvolvimento Local, e a Identificação da existência de Coesão Solidária-CS versus Não Coesão Solidária-NCS.

Os dados foram organizados e se referem à formação dos salesianos e leigos, os princípios que nortearam a criação e manutenção da Unidade Paulo VI, compreendendo: documentação e discursos de salesianos e leigos que fizeram parte da memória desta Unidade, analisados à luz da literatura e documentação compulsada.

A análise e interpretação dos questionários demonstrados a seguir, retratam de forma fiel a visão dos grupos que desenvolvem atividades na Unidade pesquisada. Por isso, as questões serão elencadas da mesma forma como aparecem no questionário proposto (ver anexo A).

3.1 QUESTÃO 1 - Desde quando conhece o trabalho desenvolvido no Paulo VI.

3.1.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Conheço pelos relatos dos meus pais, que já conhecem há vinte anos.
3	[...] já faz algum tempo.
4	Conheço o trabalho que foi desenvolvido no Paulo VI desde 1978, desde quando minha família chegou no Bairro.
5	Desde a catequese, 1991.
6	Há 10 anos.
7	Conheço a unidade desde 1993.
8	Desde 1999.
9	Atuando desde 1991.
10	Desde muito pequena, minha mãe fez parte do oratório como voluntária.
11	Alguns anos, precisamente de quando passei a fazer parte do grupo ADMA (Associação de Maria Auxiliadora).
12	Há muito tempo, desde 1987, pela minha família, mas com participação concreta minha em 1999, trabalhos com a UCDB e Paulo VI.
13	Desde o dia 22/11/1966, quando meu avô começou a freqüentar o Paulo VI, sei das histórias dos trabalhos desenvolvidos.
14	Desde 1983, quando meus pais se mudaram para o Bairro.
15	Desde 1963, mais precisamente em outubro, quando nos mudamos para cá e logo nos integramos à comunidade passamos a participar da liturgia e outras atividades.
16	Freqüento o oratório desde 5 anos de idade., quando iniciei no Coral Bem-te-vi sob a regência do Pe. Geraldo e desde então participei de vários corais, além disso, fiz também a catequese, grupo de jovens e a crisma.
17	Conheço o trabalho desenvolvido no Paulo VI, desde 1977.
18	Há muito tempo, mais ou menos desde 1987, mas tive uma participação mais concreta a partir do ano de 1999 na época em que conheci o trabalho dos salesianos através da UCDB.
19	Desde 1995, quando fui convidada a participar.

3.1.2 Comentários

Identificamos aqui que os trabalhos desenvolvidos da unidade Paulo VI, as recordações de pessoas que passaram por esta Unidade, seja na Formação da escola, oratório, catequese unifica um trabalho com um princípio de formação, que desde 1978 vem propondo um jeito de se formar o ser humano. A sua origem foi identificada com muito trabalho em grupo, que segundo moradores, se juntaram para um jogos de futebol e

pensarem em fazer algo para ter novidades para os filhos terem um espaço aberto para brincarem e estudarem uma profissão. O oratório sempre foi freqüentado, assim também a escola e a Igreja. E assim foi-se desenvolvendo a Obra Paulo VI como também o bairro com a ajuda dos moradores e salesianos que ali residiam. As atividades mais freqüentes de atuação era mesmo na Escola ensinando o saber do conhecimento; no oratório a convivência entre amigos, amizade, pátio para se encontrarem como amigos; e a Igreja para a formação da moral, da vida cristã. Percebe-se que há referência a Coesão Solidária-CS em todos relatos, indicando apropriação do tempo e espaço.

3.2 QUESTÃO 2 - Como vê a formação dos jovens e adultos nesta Obra.

3.2.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Muito boa.
3	Boa, a igreja fornece trabalho para todas as idades.
4	Existe uma boa formação para jovens e adultos, porém, falta tempo disponível aos salesianos para este trabalho.
5	A formação segue o carisma salesiano de Dom Bosco nas oficinas aos sábados, na escola, na paróquia e no Oratório.
6	As pessoas (jovens e adultos) são todas conhecidas, são diferentes.
7	Uma formação de adultos e jovens na busca de valorização individual e em grupo de todos os envolvidos, sempre com o espírito salesiano.
8	Excelente, pelo fato da troca de experiências.
9	Excelente, com apoio dos salesianos atuando na formação de líderes.
10	Não tenho muito conhecimento, pois não costumo freqüentar o Oratório.
11	De suma importância, pois o nosso bairro é carente em atividades voltadas especificamente para jovens, principalmente na parte da formação moral e religiosa.
12	Íntegra e satisfatória.
13	Vejo como grande valia, principalmente para jovens, desse resultado, continuará a experiência para vida adulta.
14	Através das atividades exercidas na paróquia, comunidades, domingos e feriados, tem sido uma forma de ampliar e pôr em prática os conhecimentos adquiridos na casa de formação.
15	Houve época em que os grupos eram <u>muito fortes e ativos</u> , tanto os jovens como os adultos. Passávamos as horas disponíveis em atividades. participando de grupos Jovens colônia de férias sob a orientação dos seminaristas, jovens e casais voluntários, tinha as oficinas com várias

	atividades para as crianças que passavam em tempo integral. Jogos de futebol, Handball, Basquete e queimada, campeonato com premiação, presença de autoridades. Além dessas atividades, tínhamos o “famoso” Coral Bem-te-vi sob a direção do Maestro Armando e o Grupo Sertanejo cuja iniciativa deve-se ao Padre Ambrósio, com apresentação na televisão. Outros grupos, como dos cursilhistas com da escolhinha de formação todas as segundas-feiras sob a orientação do padre João Falco e o grupo de escoteiros dirigido pelo padre Geraldo.
16	Os jovens que freqüentam o Paulo VI, tem um círculo de amizades mais sadio e cristão, participando de grupos voltados para a igreja e ajudando no amadurecimento da vida cristã e buscando viver de acordo com os ensinamentos de Cristo.
17	Formação transmitida aos jovens nesta unidade traz uma ênfase na cidadania, na questão ética, nas condutas morais e sociais; formação do cidadão.
18	Íntegra e satisfatória.
19	A idéia é boa, porém ainda tem muitas falhas, a formação das crianças já está mais bem estruturada, os jovens e adultos ficam ainda “desamparados” não encontram portas dentro da unidade.

3.2.2 Comentários

É com muita satisfação que as pessoas que passaram por aqui descobriram que por meio desta formação salesiana, aprenderam a se tornarem grandes pessoas com experiências ricas de humanização. O diferente transformou-se em diferença nesta transformação, e a diferença fez a diferença com os reflexos claros de desenvolvimento, mesmo com os impactos do surgimento da globalização. Foi com a formação de lideranças que também contribuiu para o surgimento da coesão solidária, tornando as pessoas com mentalidade de ajudar os outros. Esta Dinâmica de trabalho com a juventude na escola, no oratório e na Igreja, fez a Unidade Paulo VI ressurgir para o trabalho social, trabalho comunitário que por sua vez demonstra os sinais de convergência para o serviço, que é missão de todo cristão, segundo a igreja, mesmo com as divergências que o tempo e o espaço oferecem na Unidade Paulo VI. Destacamos também a contribuição dos salesianos Padres e Mestres que davam aulas e transmitiam, na sua ética e moral, princípios e maneiras para se viver bem, de paz consigo mesmo e com ou outros e paz com Deus também. Assim a transformação, com o jeito de viver o espírito salesiano, tornando-se

“Bons cristãos e Honestos cidadãos”. Destaca-se a existência de Coesão Solidária-CS, indicando a valorização individual e em grupo, formação moral, religiosa, social e para o trabalho, com exceção do relato 10.

3.3 QUESTÃO 3 - Participou de algum grupo e como foi o envolvimento e trabalho.

3.3.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Sim. Muito bom.
3	Sim. Não gostei, o grupo não tinha temas e trabalhos a serem feitos.
4	Participei do grupo de jovens na capela Nossa Senhora Misericórdia. O envolvimento foi bom. Participei de retiros espirituais. Participei de um retiro com o Pe. Wilson Morales que marcou a minha vida para sempre, neste retiro é que firmou a minha participação definitiva nos trabalhos da Igreja.
5	Participei da catequese, da Pastoral Juvenil (PJ), grupo de jovens nas comunidades, coordenando grupo.
6	Sim. Grupo litúrgico e musical.
7	Pastoral da Juventude Estudantil, como coordenador setorial.
8	(sem resposta)
9	Sim. Diretoria do oratório, FIC (Festival Intergrupos da Canção), BOSCOFEST, Gincanas, retiros, formação de líderes.
10	Não. Apenas acompanho Minha Mãe no grupo ADMA.
11	Sim. Grupo ADMA (Associação de Maria Auxiliadora), membros da família salesiana, nas organizações de eventos (festa junina, Boscofest, Encontro de oratórios, preparando refeições nos oratórios).
12	Sim. Não por muito tempo, porem foram e foi uma experiência muito agradável e fiz muitos amigos.
13	Sim. Tive participação ativa nos grupos de jovens e na animação musical.
14	Participei do BOSCOFEST, Festas juninas promovido pelo oratório.
15	Sim, sempre participamos de grupos tais como: liturgia, catequese, cursilhistas; trabalhávamos nas promoções em prol da construção do colégio, igreja e quase todo complexo obra social Paulo VI, de acordo com nossas possibilidades.
16	Sim, participei do Coral Bem-te-vi (Padre Geraldo, Gonçalves Mesquita (ex seminarista) e Padre Osmar Bezutte) e do Coral Laura Vicuña tendo como regente Mestre Marquez. Minha dedicação sempre foi 100% e obtive o retorno esperado.
17	Sim. Tinha uma participação ativa nas realizações dos grupos como: desenvolver trabalho educativo e formar jovens para lidar com outros jovens.

18	Sim, mas não por muito tempo, porém foi uma experiência agradável e fiz muitos amigos.
19	Comecei na Crisma, participei do grupo musical, de cooperadores jovens (um grupo que durou 2 anos e meio apenas, uma pena porque a proposta era muita boa), e por fim estou na catequese da 1ª. Eucaristia, exceto o musical por ser um grupo muito fechado, não teve muito envolvimento. Com cooperadores tive um enorme envolvimento por fazer parte de algo que acreditava muito, hoje tenho a certeza que foi minha base, aprendi muito, conheci muito e tive a oportunidade que acredito que falta hoje ao jovem conhecer a casa onde está, a obra em que participa (conhecia a vida de Dom Bosco, o carisma, Laura Vicuña, Domingos Sávio, Madre Mazarello, providência divina e me encantei com o objetivo e as propostas, a opção pelos jovens dos salesianos), e por último me deixei na catequese onde me senti no melhor trabalho, porque posso levar adiante o pouco que aprendi e “investir” para que estes pequenos dêem continuidade a este belíssimo trabalho.

3.3.2 Comentários

Pode-se observar que na participação ativa na comunidade escolar, oratoriana e, como não, também na catequese, os reflexos tornam-se mais precisos para formar bons cristãos e honestos cidadãos. Muitos grupos de jovens surgiram nestes últimos anos e muitos jovens conseguiram se tornar grandes profissionais, por sua experiência na Obra. Eram grupos de Jovens na escola e na Igreja, em que eles se encontravam para refletirem e conviverem como amigos. Há muito destaque em várias atividades frequentes na unidade Paulo VI.

A Participação dos Jovens na PJ (Pastoral da Juventude), nos grupos litúrgicos, gincanas e catequese, deu qualidade de vida para os que vivenciaram o ambiente de formação de comunidade local, estudando e investindo na pessoa para ser um especialista e um profissional competente, cidadão e comprometido com os valores sociais.

A Coesão Solidária-CS indica: o envolvimento nos trabalhos em grupo; sentimento de pertença do local; realização pessoal no trabalho grupal, inclusive, com ascensão a cargos de líderes e ou multiplicadores das ações sociais, com exceção dos relatos 3 e 10.

3.4 QUESTÃO 4 - Os salesianos formam para a solidariedade.

3.4.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Formam mais união e companheirismo.
3	Sim.
4	Sim. Eles tratam todos iguais e estão prontos para servirem aos outros quando solicitados.
5	Os que se empenham sim, já que a formação ocorre também pelo exemplo.
6	Mais ou menos.
7	Sem dúvida, pois a solidariedade dos salesianos na obra é o principal motivo de sua existência para o sucesso.
8	Sim.
9	Sim.
10	Acredito que sim.
11	Com toda certeza, mas é um trabalho que ainda não atingiu 100%.
12	Sim.
13	Com absoluta certeza que os salesianos contribuem para a formação da solidariedade.
14	Noto com orgulho que os jovens, filhos de Dom Bosco, que nas oportunidades tem oferecido e tem demonstrado serem pessoas responsáveis e dedicadas para a solidariedade.
15	Sim. Os salesianos formam e continuam sendo peça fundamental para manter o Espírito de Dom Bosco, nos Oratórios e Colégio e na Paróquia.
16	Sim, tive muito contato com os salesianos e sempre que precisei tive ajuda e compreensão.
17	Sem dúvida que a espiritualidade Salesiana está voltada para a solidariedade do próximo, ajuda mútua, olham o outro como irmão que necessita de ajuda.
18	Sim.
19	Dão a base, porque o trabalho inicia desde muito cedo onde é momento certo de formar pessoas, onde estão definindo personalidade e caráter. Então é uma sementinha muito bem plantada que no futuro pode gerar bons frutos.

3.4.2 Comentários

Nesta visão, observamos a difícil tarefa de contribuição dos salesianos que por mais que sejam consagrados e religiosos, sempre haverá convergência e divergência das mesmas, pois a formação é de tarefa árdua. A reflexão feita nestes grupos traz consigo um

trabalho rico de espiritualidade do encontro, do ser igual, de participar com a solidariedade que desde o início do atendimento os atores se sentem orientados das normas pastorais e sociais. É importante frisar aqui que a própria formação do salesiano é para a humanização, fundamentalmente, para os jovens, aí vem a preocupação e sensibilidade do encontro do Salesiano para com os jovens, ser um profeta, ser qualificado na educação, ter fé no que se propõe, estudar para se tornar um educador autêntico nas áreas humanas, principalmente. Por isso que a personificação da identidade salesiana constitui-se na tarefa de estar em formação permanentemente, na atitude pessoal e comunitária, respondendo ao chamado nos tempos modernos em que se vive.

A Coesão Solidária-CS é identificada no processo de formação dos salesianos para a solidariedade, em que os questionados afirmam que os salesianos têm compromisso com a união dos grupos, companheirismo, serviço para o próximo, bem como a preocupação em formar a personalidade e o caráter desde tenra idade. Os relatos 6 e 11 demonstram que há solidariedade na formação salesiana, mas não integralmente, enfocando a necessidade de revisão para atingir a totalidade das pessoas e ações, neste processo solidário.

3.5 QUESTÃO 5 - Como é a participação na Paróquia.

3.5.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Ótima, participo sempre das missas.
3	Boa.
4	Minha participação na Paróquia é muito boa.
5	Participo do grupo de monitores, reuniões.
6	Participo das missas aos domingos.
7	Participo ativamente na paróquia.
8	Parcialmente boa.
9	Atuante.

10	As missas aos domingos.
11	Participo das novenas, Missas, nas doações de alimentos.
12	No momento está sendo muito pequena minha participação, mas antes participava muito mais.
13	Com bastante engajamento.
14	Ativamente na paróquia.
15	Sim, como catequista, cursilista, pastoral do dízimo, pastoral vocacional desde a época do Pe. Mota, Pe. Osvaldo, Pe. Leal, com o Pe. Lauro nos acampamentos dos vocacionados. Hoje faço parte dos Salesianos Cooperadores, sou Ministra da Eucaristia e da Visitação.
16	Minha formação é católica cristã, pois desde criança meus pais me levavam á missa e tive o aprendizado sobre a vida de Cristo e a Bíblia durante a catequese e a Crisma.
17	A Paróquia ela ajuda, pois favorece um grande campo para prática do que é ensinado.
18	Hoje não, mais já fui coordenador do grupo de coroinhas, era muito bom.
19	Somente da catequese. Excelente, é uma pastoral muito bem estruturada que consegue caminhar com suas próprias pernas.

3.5.2 Comentários

Pode-se observar mais uma vez o trabalho de envolvimento com os grupos de monitores, educadores, catequistas, enfim, o trabalho feito com amor, mesmo na dor de encontrar-se com o diferente, compreende-se que o trabalho é satisfatório, pois os jovens que participam, tornam-se aptos a viver a moral em suas vidas e assim também vivem em uma comunhão sólida que, quanto mais clara for a identidade vocacional de cada um e quanto maiores forem a compreensão, a responsabilidade exalta com plena realização pessoal. Logo, torna-se um agente de coração salesiano, tornando-se humanitário, apostólico, princípio do trabalho pastoral de Dom Bosco, uma característica primordial: serviço humanitário e de evangelização.

Identificou-se que a Coesão Solidária-CS no processo de participação na Paróquia, e todos entrevistados relataram que participam ativamente das atividades. Referiram as ações realizadas na Paróquia e suas realizações pessoais em participar das vivências salesianas.

3.6 QUESTÃO 6 - Participa de algum grupo, qual e como é o trabalho.

3.6.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Não, não participo.
3	Sim, no momento sou catequista e participo como coroinha.
4	Participo do grupo de catequistas e sou cooperadora salesiana operante.
5	Participo do grupo de Monitores no oratório com entusiasmo e amor, mesmo com as dificuldades financeiras que se encontra o oratório, a fé nos move para continuar.
6	Não.
7	Sim. Salesianos cooperadores, nas comunidades, no oratório.
8	Sim. Grupo de jovens na coordenação, na catequese, ministério de louvor.
9	Na liderança de grupos, catequese, litúrgico, canto.
10	Na formação da crisma e na pastoral do Dízimo.
11	Sim. Grupo ADMA, equipe litúrgica.
12	Coordenadora de grupos de coroinhas, liturgia.
13	Participo diretamente na administração da paróquia.
14	Diretamente na paróquia, Coordenador da Pastoral familiar, no conselho da paróquia.
15	Desde a nossa vinda para cá sempre participamos de todas as atividades e eventos realizados na Obra.
16	Sim, participo do Ministério da Música, coral das missas de Sábado, mas ultimamente não ando frequentando, pois estou envolvida com os preparativos do meu casamento.
17	A Paróquia ela ajuda, pois favorece um grande campo para a prática do que é ensinado.
18	[...] muito pequena, mas teve uma época que já foi mais frequente.
19	Excelente ao menos na Paróquia está integrando e socializando com os membros participantes, o único detalhe é que existe um desmembramento, diversas coisas que funcionam cada um na sua e esquecem-se da comunidade.

3.6.2 Comentários

A paixão apostólica animada totalmente para os jovens foi sempre para o trabalho catequético juvenil uma expressão de vida na convivência. O trabalho, mesmo nos mais simples, com pequenas coisas, demonstra uma transformação para tornar-se uma família, um ambiente que produz alegria de viver, energia vital de amor e paz. Os grupos de trabalhos fazem pensar e impulsiona para a solidariedade de forma que todos acabam

contribuindo para a sociedade. Hoje podemos observar que muitos jovens se tornaram grandes pessoas na educação e na evangelização das pessoas na comunidade.

A Coesão Solidária-CS foi identificada no processo de participação na Paróquia, relatando qual e como é o trabalho. Referiram que participam na catequese, liturgia, coroinha, cooperador salesiano operante, monitor no oratório, grupo de jovens, administração, Pastoral Familiar, conselho, eventos na Obra, Ministério da música. Os relatos 2 e 6 demonstram que, estes entrevistados, não participavam de grupos ou atividades na Paróquia.

3.7 QUESTÃO 7 - Como é a formação religiosa.

3.7.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Bem organizada, catequistas muito bons.
3	(sem resposta)
4	Na catequese temos formação mensal e para os cooperadores a formação também é mensal. É uma boa formação.
5	Estamos carentes de material para o trabalho juvenil, conteúdos como da AJS, Pastoral Jovem que ajudavam bastante para a formação dos grupos juvenis.
6	Falta mais comunicação com os jovens, tem que trazê-los para a comunidade.
7	Salesiano cooperador.
8	Atuante no ministério de louvor e principalmente na catequese.
9	Através de cursos, palestras para grupos, catequese, liturgia, ministério da eucaristia e perseverança.
10	(sem resposta)
11	No grupo ADMA, um pouco na liturgia e trabalho espiritual com o Pe. Ademir.
12	Dedicada e tratada com muita seriedade da parte dos salesianos com relação a comunidade.
13	De excelente qualidade.
14	Formação religiosa, Cursilho, OVISA, EDAP, ECC (Encontro de Casais com Cristo), grupo de oração, EFM (Escola de Formação para Ministro) e grupo de teologia para leigos.
15	Já tivemos anteriormente, vários grupos de formação de jovens, adultos e crianças, porém hoje com a evolução da Igreja a formação se restringe a

	grupos mais fechados dos quais não sou muito fã (desculpe a sinceridade) gosto de participação aberta.
16	Minha formação é católica cristã, pois desde criança meus pais me levavam à missa e tive o aprendizado sobre a vida de Cristo e a Bíblia durante a catequese e a Crisma.
17	A Paróquia ela ajuda, pois favorece um grande campo para a prática do que é ensinado.
18	Dedicada e tratada com muita seriedade da parte dos salesianos com relação à comunidade.
19	Na parte da catequese muito boa, mas no geral ainda falta principalmente para os jovens. É preciso cuidar deste aspecto, pois os jovens dispersam muito rápido.

3.7.2 Comentários

Os elementos observados demonstram um fator importante que dá qualidade e sentido para a continuidade da formação salesiana aos jovens que ali residem. A Unidade Paulo VI vem desenvolvendo com qualidade a formação humana, cristã e social. É por isso que a juventude se encanta envolvendo-se neste processo formativo, educativo e pastoral.

A Coesão Solidária-CS foi identificada na formação religiosa, relatando a participação na catequese, crisma, grupos juvenis, comunidade, Ministério de Louvor, cursos, palestras, liturgia, eucaristia e perseverança, Encontro de Casais em Cristo, Escola de Formação para Ministro, Grupo de Teologia. No relato 6 há referência de insatisfação de um pesquisando em relação aos grupos ou atividades de formação salesiana na Unidade Paulo VI.

3.8 QUESTÃO 8 - Como é o trabalho do Oratório?

3.8.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	A minha experiência foi positiva, pois através do oratório pude desenvolver minha capacidade de liderança e organização. Fui assessor do grupo de monitores do Oratório. A formação religiosa precisa ser melhor sistematizada para que as atividades educativa - pastorais tenham uma

	qualidade evangelizadora. A formação dos jovens e crianças é realizada a partir da experiência.
2	Ótimo.
3	Muito bom.
4	Eu acho um trabalho muito bom.
5	“O oratório é 100% você” cheio de amor, alegria, de Deus, brincando, jogando, lanchando com as crianças e jovens, todos se envolvem para este trabalho como Dom Bosco queria.
6	Agora não sei, porém, poderia ser mais atrativo como sabemos que era antigamente, com oficinas de bordados, pintura, e outros artesanatos, não só aos domingos, mas todos os dias, ter aulas de música, coral, ter mais movimento.
7	É dinâmico e essencial para o crescimento religioso comunitário.
8	Ótimo trabalho pelo fato da convivência.
9	Ótimo.
10	Fica aberto nos finais de semana, oferecendo atividades esportivas diversas e reflexão para as pessoas que freqüentam.
11	Atividades esportivas, lúdicas, lanche preparado pelo grupo do ADMA.
12	Há muito tempo num freqüente.
13	Muito bom realizado pelos salesianos.
14	Trabalho em eventos do oratório, uma vez que não atinge as famílias para a integração jovem e família.
15	O trabalho no Oratório com já foi mencionado era muito bom, nas férias aos sábados e domingos era lotado, várias atividades eram desenvolvidas com a participação das crianças e jovens principalmente com os pais.
16	Sim, já participei muito do Oratório e gostava de participar dos grupos que tinham, só não gostava das “panelinhas” que formavam, mas em todo lugar tem isso.
17	Já participei em 1999 até 2003, hoje participo esporadicamente.
18	Hoje não posso falar muito, pois já fez um bom tempo que não freqüento. Participou alguma vez do Oratório? Como foi a experiência?
19	Principal (afinal era esta a proposta central de Dom Bosco). Tem conseguido desenvolver um bom trabalho dentro das condições em que se localiza o oratório.

3.8.2 Comentários

A dinâmica do trabalho desenvolvido no oratório é essencial para os garotos, para os salesianos e para a comunidade do bairro e da cidade de Campo Grande, é na continuidade desta formação que transformaremos o ser humano em bons cidadãos e bons cristãos, como Dom Bosco sonhava. A Coesão deste encontro dos agentes, atores desta Obra, demonstra com satisfação o crescimento pessoal, espiritual e solidário. Há

divergências ou questões a transformar, por mais que se tenha pensado em grupo e em equipe, observamos que o trabalho é significativo desde que se pense nas potencialidades das pessoas que ali trabalham, e todas estão dispostas a continuar a serviço do bem da formação dos jovens e da sociedade.

Na Unidade Paulo VI, percebemos que os sujeitos da pesquisa estão conectados e atentos ao atendimento integral e comunitário das famílias, na escola e no oratório. Observamos a participação comunitária na estruturação dos programas e atividades do oratório, como instrumento da sinergia entre a academia e organizações sociais que potencializam para o desenvolvimento endógeno da coesão solidária neste Local.

A Coesão Solidária-CS foi identificada, no Oratório, como local em que a participação e organização dos grupos são instrumento de encontro, trocas de experiências, formação, compromisso social. Nos relatos 6 e 12, há referência de não participação dos pesquisandos no oratório, para a vivência dos grupos ou atividades de formação salesiana na Unidade Paulo VI.

3.9 QUESTÃO 9 - Participou alguma vez do Oratório? E como foi esta experiência?

3.9.1 Quadro de respostas

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Sim, ótima.
3	Sim, é bem legal.
4	Participo como cooperadora, com lanches e apoio aos monitores e oratorianos.
5	Participei desde 1990 e é um lugar de harmonia, amor e paz.
6	Sim. Trabalhei na coordenação e gostei.
7	Sim. Muito boa, pois, parte do que sou, devo muito ao trabalho no oratório.
8	Atuante como monitora.
9	Sim. Dez anos no oratório e um ano na capela, como monitora.
10	Apenas acompanhando a mãe, no oratório.

11	Em eventos do oratório, na formação de crianças e jovens.
12	FIC, grupos de jovens, gincanas, formação, festivais.
13	Sim. Durante toda minha juventude.
14	(sem resposta)
15	Já participei com formação vocacional, como juiz de futebol, na distribuição de lanches, na Boa Tarde aos jovens e adultos que jogavam futebol nas quadras.
16	Bom, mais ainda falta mais dinâmica e atrações para fazer os jovens ficarem mais envolvidos com a Igreja e com as atividades do Oratório Paulo VI, encontros de jovens com idade acima de 23 anos até os 30 anos, sinto falta disso.
17	Muitas, a experiência é de dividir vivência com outros jovens onde cada um, num bate-papo, cada um conta suas experiências de vida, suas dificuldades é uma verdadeira escola social.
18	Sim, nesta época era divertida e muito animada principalmente quando tinha os grupos de jovens onde todos participavam das atividades e quando tinha o FIC era muito legal e empolgante há muito tempo atrás eu me lembro que os grupos eram bem numerosos e faziam gincanas e competiam uns com os outros era um ponto de encontro entre colegas que estudavam no Rui Barbosa durante os finais de semana tinha famosos festivais o interessante é que alguns de nossos professores também faziam parte desses grupos que faziam com que um deles se chamavam grupo dos ASPIRANTES e todos queriam fazer parte dele, tempos bons eram aqueles.
19	A experiência foi de grande valia, teve uma enorme importância, serviu demais para o meu amadurecimento cristão.

3.9.2 Comentários

Analisando os fatos deste local dos últimos anos de história da Unidade Paulo VI pode-se comprovar que a experiência do trabalho formativo é um meio de conscientizar e de transformar a sociedade, partilhando e convivendo junto às necessidades, aos problemas do local, comprovando que o trabalho é verdadeira escola social, em que se aprende a conviver o humanismo e desenvolver a Coesão Solidária. É importante continuar o envolvimento de se trabalhar juntos, salesianos e leigos.

A Coesão Solidária-CS foi identificada também no amadurecimento dos jovens para a cidadania, a pesquisa e o trabalho. Aprenderam na formação as maneiras de como viver o ensinamento, a educação, no Oratório, como local de participação e organização de

grupo, por meio de experiências que representaram um caminho seguro para o futuro, confirmado pelos relatos.

3.10 QUESTÃO 10 - Como vê o trabalho de formação desenvolvido no Oratório?

3.10.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Estão de parabéns.
3	(sem resposta)
4	Ótimo. Pois formam bons Cristãos.
5	É muito bem realizado com os oratorianos, ainda mais pela carência afetiva que as crianças enfrentam na família.
6	Agora não estou a par deste assunto.
7	O trabalho de formação é um dos pontos altos do Paulo VI, pois o jovem é integrado a viver como Dom Bosco quer.
8	Satisfatória pelo fato de gerar frutos, e ter a ajuda dos salesianos.
9	Ótimo, pois se cria expectativas de uma vivência religiosa e até vocacional com os salesianos.
10	(sem resposta)
11	Não participo, porém acredito que seja relevante todo trabalho desenvolvido em virtude da realidade em que se vive hoje.
12	Do ponto de vista social e cultural é muito importante, exerce uma influência positiva na vida do jovem e da criança para tornar bons cristãos e honestos cidadãos.
13	Ótimo.
14	É de suma importância este trabalho, pois evangeliza, encaminha para vida, ser social, humano.
15	Muito bom, todos que se dispuseram ao trabalho fizeram com esmero, dedicação e desprendimento. Tanto no campo esportivo, cultural, mas, sobretudo na formação espiritual que foi baseado na Oração, Razão e Benevolência, amor, carinho, próprio do Espírito Salesiano.
16	Gostava de participar dos grupos que tinham.
17	Ótimo, os Salesianos mostram para os jovens, que é possível uma sociedade justa, uma convivência pacífica e social entre as pessoas. Os jovens aprendem a respeitar, adequarem regras, normas através do esporte.
18	Do ponto de vista social e cultural é muito importante exerce uma influência muito positiva na vida dos jovens e crianças que frequentam o oratório fazendo com que eles se tornem cidadãos mais cooperadores e sociais.
19	Ainda precisa ser trabalhado, tem o pontapé inicial e está no caminho certo, mas falta certa profundidade, algumas coisas ficam muito vago, talvez uma proposta de formação diferenciada por idade atingiria e alcançaria melhor o objetivo.

3.10.2 Comentários

Identificamos a necessidade de continuar a formação salesiana por ser uma opção de vida, vem com idéias do pensamento de Dom Bosco, trabalhar em prol da Juventude, principalmente os mais carentes. Nesta questão do trabalho que envolve os monitores e salesianos do Oratório, percebemos que há maneiras de trabalho que marca o oratoriano para sua vida. Por isso percebemos hoje o trabalho daqueles que passaram como alunos ou como oratorianos, o compromisso determinado para dar a continuidade do trabalho em desenvolvimento local, destacando a sua importância a coesão solidária.

Dos relatos acima, apenas o indivíduo 6 não sabe como responder e o 19 acredita que poderia melhorar, o restante que respondeu afirmou que os colaboradores que se dispuseram ao trabalho “fizeram com esmero, dedicação e desprendimento. Tanto no campo esportivo, cultural, mas, sobretudo na formação espiritual que foi baseado na Oração, Razão e Benevolência, amor, carinho, próprio do Espírito Salesiano”. A Coesão Solidária-CS foi identificada pela relação e entrega ao trabalho em grupo, para o desenvolvimento pessoal e social.

3.11 QUESTÃO 11 - Estudou na escola Rui Barbosa?

3.11.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Eu não, mas irmãos sim.
3	Não.
4	Não.
5	Estudei de 1991 a 1994.
6	Não, somente a minha irmã.
7	Sim. Por vários anos.

8	Não estudei.
9	Sim.
10	Não.
11	Não estudei. Porém, trabalho na escola desde 1998.
12	Mas é claro que sim e me orgulho muito desse fato, pois ela faz parte da minha história e da formação profissional.
13	Sim. Cursei a 8ª. Série fundamental.
14	Meus irmãos estudaram lá.
15	Não estudei, mas trabalhei desde a criação do Colégio em 1971, até 1994 quando me aposentei. Trabalhei na Secretaria e fui professora até 1994. Meus filhos, sobrinhos e netos estudaram e minha filha trabalha desde 1985 na secretaria do Colégio. A escola Rui Barbosa é um marco na educação da comunidade, porque não só as crianças, mas os pais foram e continuam estudando ou fazem parte do grupo de funcionários.
16	Sim, estudei desde o pré até o 3º. Ano do 2º. Grau.
17	(sem resposta)
18	Mas é claro que sim e me orgulho muito desse fato, pois ela faz parte da minha história e formação profissional.
19	Não.

3.11.2 Comentários

A Escola, como todas as demais que transmitem o conhecimento, está desenvolvendo, dentro da unidade Paulo VI, para formar pessoas livres e voltadas para o trabalho de coesão solidária. O papel da escola, como instituição e carisma salesiana, tornou-se um espaço de crescimento intelectual e espiritual. Confirma-se que o trabalho da coesão como um processo de amadurecimento pessoal e grupal dentro das salas de aula e também nos movimentos de animação pastoral. Tal é de suma importância que vemos a necessidade de continuar apostando no trabalho integral e relacional dentro do espaço formativo e educativo. Há um sentimento de pertença nisso tudo que acabamos de comentar, até porque a familiaridade está presente nesta comunidade, a convivência dá sentido ao que estamos confirmando.

3.12 QUESTÃO 12 - Como é a participação dos jovens e professores?

3.12.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Excelente.
3	(sem resposta)
4	(sem resposta)
5	Atualmente num sei como está esta relação, porém, sinto que poderia ser mais empolgante e ativa.
6	Somente as minhas irmãs falam.
7	Os jovens freqüentam muito o oratório, já os professores, a participação é limitada, poucos se envolvem
8	(sem resposta)
9	Boa.
10	Não.
11	Muitos alunos freqüentam o oratório, porém, aluno e professor num se envolvem. Não vejo relação entre oratório e escola e será que não precisaríamos estar mais atentos a este relacionamento?
12	Os alunos estão sempre interagindo com o sistema onde é trabalhada a parte psicológica, política e pedagógica.
13	No meu tempo era excelente e hoje posso testemunhar que continua da mesma forma.
14	Há uma integração aluno e professor, escola e Oratório.
15	Sempre houve um bom relacionamento entre jovens, professores e pais de alunos que sempre atenderam ao convite ou se prontificaram a ajudar no que fosse preciso.
16	Na minha época de estudo, a interação entre professores e alunos sempre foram ótimas, havia muito respeito de ambas as partes e as aulas eram mais tranquilas e eram mais aproveitadas.
17	(sem resposta)
18	Atuante os estudantes sempre estão interagindo com o sistema onde é trabalhadas a parte psicológica e política pedagógica dos mesmos.
19	Não posso opinar por não ter estudado.

3.12.2 Comentários

Pode-se observar que neste eixo a importância do carisma de gostar do que faz, os professores trabalham segundo o projeto da escola e também da Unidade Paulo VI. Há muitos agradecimentos pelos trabalhos prestados e reconhecidos em grandes projetos de cidadania. E aí percebemos a integração do trabalho em grupo e, principalmente, o contato professor e aluno. É verdade que as questões de integração é de tamanha importância que até os dias atuais tem demonstrado isso. O trabalho do Professor é visto como ponto

positivo e, mesmo com as divergências, a escola com a equipe pedagógica continua sendo uma das melhores.

3. 13 QUESTÃO - Como é a formação para a solidariedade na escola?

3.13.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Trabalho de muita união entre jovens e adultos. Excelente.
3	(sem resposta)
4	(sem resposta)
5	Muito boa, pelo menos quando passei por lá, havia gincanas, integração do Professor e aluno.
6	Não sei.
7	Tenho para mim que a solidariedade que existe na escola é reflexo daquela vivida no oratório.
8	(sem resposta)
9	(sem resposta)
10	(sem resposta)
11	Já tivemos momentos fortes de participação com alunos, movimentos envolvidos, campanha do agasalho, visita a asilo e instituições que atendem crianças, porém pode se fazer mais.
12	Muito positiva e agradável. Os alunos assimilam bem a importância do trabalho social.
13	Creio que está num processo de solidificação.
14	Poderia ter mais integração professor aluno salesiano para o trabalho integrado e educativo.
15	A Escola foi e continua sendo uma das melhores em se tratando de disciplina, formação moral, religiosa e o desenvolvimento intelectual do aluno. Prova disso são os alunos que terminam o Ensino Médio, prestam vestibulares e passam em fazer cursinho.
16	Essa iniciação começa no pré, pois o aluno tem, como exemplo, o próprio professor e também têm que ter uma dinâmica muito boa em sala de aula, afinal, as crianças vão se espelhar nele e o caráter do ser humano é formado nessa fase.
17	(sem resposta)
18	De certa forma muito positiva e agradável. Os alunos conseguem assimilar bem qual a sua importância para a sociedade e sempre que possível durante as aulas os professores em suas disciplinas estão destacando a importância do comportamento de cada indivíduo e do seu caráter de uma boa índole e formação, para que eles tenham consciência da importância do seu papel na sociedade e principalmente para sua comunidade.
19	Não posso opinar.

3.13.2 Comentários

Podemos analisar que a Unidade Paulo VI, como trabalho da escola, mostra vivamente que está enraizada com bons propósitos e uma história importante para a sociedade e, principalmente, do local. Dissemos que a Unidade Paulo VI oferece aos adolescentes momentos de amabilidade, alegria e satisfação. Os reflexos deste trabalho podem ser observados nas práticas esportivas, gincanas e outras ações sociais que beneficiam o local.

3.14 QUESTÃO 14 - Pontos positivos.

3.14.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	Uma equipe de salesianos que desenvolve um excelente trabalho, para com todos: jovens, crianças e adultos. Parabéns continuem assim.
3	(sem resposta)
4	O Oratório forma muitas pessoas para uma vida digna e leva os jovens para uma caminhada religiosa muito produtiva.
5	(sem resposta)
6	Amizades, conhecer e conviver com as pessoas; há reuniões para repassar conhecimentos, comunitarização.
7	(sem resposta)
8	(sem resposta)
9	(sem resposta)
10	(sem resposta)
11	(sem resposta)
12	Sempre tive orgulho da minha escola, e tive orgulho da minha vida.
13	(sem resposta)
14	(sem resposta)
15	(sem resposta)
16	(sem resposta)
17	(sem resposta)

18	(sem resposta)
19	<ul style="list-style-type: none"> - O carisma, sem dúvida, pois é agradável você chegar em uma casa salesiana, e ver e sentir(isto faz a diferença), quando tem o verdadeiro carisma, você se sente em família. - E junto com o carisma a ALEGRIA, a espiritualidade. - O ambiente, o cuidado que se têm com tudo, palestras, encontros, eventos. - Os verdadeiros salesianos, bom exemplo para crianças, jovens, a disponibilidade e amor que os verdadeiro tem com a OBRA.

3.14.2 Comentários

Para Dom Bosco, a familiaridade é fundamental para ter sucesso da formação humana e cristã. O encontro, acolhida dentro da casa de formação salesiana, é sincero e emociona o Jovem, que relata entender e sentir o prazer de estar em uma casa que acolhe e ensina, tornando-se o ator principal e dono do seu espaço e tempo, dentro da territorialidade em que está presente, identificando-se com o processo formativo que é imprescindível para separar o corpo da alma.

Observamos também que na vivência do dia a dia, no encontro das reuniões, o carisma salesiano se torna uma expressão viva da presença do mistério que anima o crescimento da Obra salesiana. É no transcendente que podemos enxergar a esperança e continuidade. Acreditamos, ao lado dos leigos, que podemos almejar e trabalhar, formando a juventude para o serviço da Coesão Solidária, segundo o Desenvolvimento Local.

3.15 QUESTÃO 15 - Pontos negativos.

3.15.1 Quadro de resposta

GRUPO	RELATO
1	(sem resposta)
2	(sem resposta)
3	(sem resposta)
4	Os Monitores depois de formados abandonam o trabalho e depois formam novos monitores.
5	(sem resposta)
6	Parece que os professores se distanciaram dos alunos da escola, do oratório

7	(sem resposta)
8	(sem resposta)
9	(sem resposta)
10	(sem resposta)
11	(sem resposta)
12	Uma pena que os alunos de hoje não pensam dessa maneira
13	(sem resposta)
14	(sem resposta)
15	(sem resposta)
16	(sem resposta)
17	(sem resposta)
18	(sem resposta)
19	<ul style="list-style-type: none"> - O salto-alto de algumas lideranças. - O despreparo em alguns pontos. - A disputa para qual “individual” aparece mesmo, esquecendo do grupo, da COMUNIDADE, como todo. - A divisão.

3.15.2 Comentários

Os reflexos deste quadro demonstra que a unidade Paulo VI tem muitas potencialidades e que pode aproveitar muito mais destas pessoas para a sua organização e formação na construção de uma sociedade mais justa, humanitária e fraterna. É preciso entender os conceitos da coesão solidária segundo o Desenvolvimento Local, pois só assim poderemos compreender o processo e a idéia principal de Dom Bosco.

Sonhar é preciso, sonhar acordado e com os pés no chão é imprescindível e sonhar em grupo ajuda muito para termos sentindo da beleza que é estar em Deus e com Ele, trabalhar na construção da civilização do amor com a contribuição das pessoas que se inserem nos grupos salesianos para tornar a vida mais digna e humana. A Coesão Solidária é agora um momento, um tempo e um espaço para salesianos e leigos poderem agir de forma solidária com os princípios do desenvolvimento local.

O que se pretendeu, como essência do objetivo de toda investigação, foi comparar a formação (ou processo formativo) propiciado pela Obra Salesiana Paulo VI com os princípios da Coesão Solidária em Desenvolvimento Local. Os resultados e

análises descritas neste capítulo confirmam a Coesão Solidária como um dos processos mais relevantes para a formação salesiana e desenvolvimento local. Enquanto o primeiro figura como causa [formação], o segundo desperta-se como consequência [desenvolvimento], fomentando e propiciando o desenvolvimento pessoal e social, por meio Coesão Solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, foi possível visualizar, pela ótica do Desenvolvimento Local, que há crises entre tempo e distância da unidade salesiana estudada. Os participantes da pesquisa nos deram instrumentos para compreender que a melhor maneira de enriquecer o contexto de DL é assumir tudo o que vem pela frente, encarar os espinhos da vida e despertar o fenômeno vulcânico que dá sentido ao que estamos desenvolvendo, o lugar e espaço que salesianos e leigos trabalham construindo comunidades para o desenvolvimento da vida religiosa e vida social, econômica e política.

A Coesão Solidária que se visualiza na teoria, como pretensão e objetivo a ser alcançado e possível de ser atingido não nos revela a significação do contexto analisado, revela-nos apenas a construção da comunidade enquanto significado de união e crescimento, mas as vertentes tempo e espaço se perdem em determinada parte do processo formativo e torna-se saudosismo, lembrança de um tempo passado que foi edificante, mas que não é percebido na atualidade.

A representação do sentido de coesão compõe a estrutura que deve estar bem conectada, bem “amarrada”. As várias partes devem se apresentar unidas, para que se cumpra uma função primordial, a articulação do sujeito com sua formação e ação na comunidade.

A coesão é essa “amarração”, o entrelaçamento significativo entre as relações que caracteriza o lugar, a coisa ou a pessoa a que se faz referência. Pode ser facilmente depreendida em seu sentido pela análise do contexto.

Neste contexto, entende-se que a comunidade, em referência ao Desenvolvimento Local, é o estado ou qualidade das coisas materiais ou das noções abstratas comuns a diversos indivíduos; comunhão; conjunto de habitantes de um mesmo

Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam em uma determinada área, sob um governo comum e irmanados por um mesmo legado cultural e histórico.

Em referência à comunidade em termos de Organização Religiosa, é um grupo monástico ou qualquer grupo de religiosos, com hábitos de vida e ideais comuns, codificados em uma regra; ordem, congregação, confraria; qualquer grupo de indivíduos unidos pela mesma profissão ou que exerça uma mesma atividade; conjunto de indivíduos, inclusive de nações diferentes, ligado por determinada consciência histórica e ou por interesses sociais e ou culturais e ou econômicos e ou políticos comuns.

Portanto, os resultados da investigação foram compreendidos como procedimentos metodológicos de aproximação de determinada realidade dinâmica, que tem uma evolução têmporo-espacial. Neste sentido, os resultados foram compreendidos dentro de um contexto histórico-geográfico, não como um dogma (fechado e imutável), nem como um modelo acabado, que pode ser aplicado para outros territórios e populações, ou comunidades, no caso estudado, salesianas.

Há denominações distintas que se tem empregado para designar o processo de Desenvolvimento Local com enfoque conservacionista dos recursos ambientais, distribuição de renda e participação comunitária. Entre os termos do Desenvolvimento Local há: desenvolvimento sustentável, desenvolvimento endógeno, desenvolvimento comunitário, desenvolvimento em escala humana e outros.

Embora cada um tenha sua particularidade, em seu conjunto, valorizam-se alguns temas comuns, tais como: valorização do local de atuação (território); visão do conjunto (global); exploração do potencial endógeno (ambiental e humano); integração da sociedade e da comunidade; participação popular (agente de seu desenvolvimento); valorização do homem e de sua formação; e a contextualização do homem dentro de um sistema planetário.

Para tanto, foi necessário definir a formação salesiana e os recursos (estrutura, função e composição) do sistema educacional e sua correlação com Desenvolvimento Local. Educar a comunidade local para a conservação dos recursos endógenos. Utilizar os recursos endógenos, humanos e comunitários, como fonte de Desenvolvimento Local. No trabalho na comunidade Paulo VI, buscou-se sistemas de formação alternativa, baseada nas normas e princípios salesianos (RATIO, 2006).

A política externa determina a organização territorial interna da comunidade Paulo VI e estabelece uma estratégia de Desenvolvimento Local integrada e articulada com as esferas políticas e administrativas (regional, nacional e global).

Constatou-se, neste estudo, que, ao se estabelecer normas e procedimentos para a coordenação e formas de controle e avaliação da formação salesiana, os princípios teóricos do Desenvolvimento Local coadunaram com o que consideramos ponto comum na formação comunitária: a Coesão Solidária.

REFERÊNCIAS

AAVV. El sistema preventivo de Don Bosco entre pedagogía antigua y nueva. In: *Actas del congreso europeo salesiano sobre el sistema preventivo de Don Bosco*. Turín: Leumann, 1974.

AGENDA 21. *Conferencia das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: ONU, 1998.

ALONSO, José Luis e MÉNDEZ, Ricardo. *Innovación, pequeña empresa y desarrollo local en España*. Madrid: Civitas Ediciones, 2000.

ÁVILA, V. Fidélis de. *A pesquisa na vida e na universidade*. 2.ed. Campo Grande-MS: UFMS/UCDB, 2000.

ÁVILA, V. Fidélis de. *Educação escolar e desenvolvimento local: realidade e abstração no currículo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

ÁVILA, V. Fidélis de. *Formação educacional em desenvolvimento local de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande-MS: UCDB, 2000.

BALLESTEROS, A. G. *Métodos y técnicas cualitativas en geografía social*. Barcelona-Espanha: Oikos-tau, 1998. 239p.

BANCO Federal de Datos de Derechos Humanos-BFDH. *Hacia el Desarrollo Humano: un nuevo modelo de gestión local*. In: Informe Argentino sobre Desarrollo Humano, Buenos Aires: BFDH, 1997.

BANCO Interamericano de Desenvolvimento - BID. *Progresso econômico e social*. 1998.

BANCO Interamericano de Desenvolvimento - BID. *Progresso econômico e social*. 2000.

BDE – Banco de dados do estado. *SEPLANCT-MS*, 1979. Campo Grande-MS: BDE, 1998.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BERGUER, Peter L. & LUCMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BERGUER, Peter. L. *Perspectivas sociológicas - uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOISIER, Sergio. El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico. In: *ILPES* Caderno, n. 29, Santiago de Chile, [s.n.], 1992. p. 1-12

BOISIER, Sérgio. Sociedad del conocimiento social y gestión territorial. In: *Interações* Revista Internacional de Desenvolvimento local, vol. 2, n. 3, Campo Grande-MS: UCDB, 2002.

BOSCO, Terésio. *Dom Bosco: uma biografia nova*. 2.ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998.

BRAIDO, Pietro. *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Toriño: Pontificio Ateneo Salesiano, 1993. p. 27

CAPÍTULO GERAL 21. Congregação São Francisco de Sales. Roma, **DATA**

CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARPIO MARTÍN, J.; LE BOURLEGAT, C.A. & MARTÍN, S.R. *Los retos del Mato Grosso del Sur: entre la Globalización y el Desarrollo Local. Territorio y Cooperación*. Sevilla: Universidad de Sevilla: Grupo de Trabajo de América Latina-AGEAL, 1999.

CÁRPIO MARTIN, José. Nuevas realidades em el desarrollo local em España e Ibereroamênia. In: *Seminário* Internacional sobre perspectivas de desarrollo em iberoamérica. Santiago de Compestela: [s.n.], maio de 1999.

CARPIO, J. M. Los retos por una sociedad a escala humana: el desarrollo local. In: SOUZA, M. A. et al. (orgs.). *Metrópole e globalização*. São Paulo: Centro de Estudios de São Paulo (CEDESP), 1999.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação*. Economia, sociedade e cultura. (Vol. 1: A sociedade em rede; Vol. 2: O Poder da Identidade; Vol. 3: Fim de Milênio). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *The informational city: Information technology, economic restructuring and the urban-regional process*. Blackwell: Oxford, 1989.

CASTRO, Pe. Afonso de. *Caminhos pedagógicos*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1999.

CATÃO, Francisco. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*, São Paulo: Paulinas, 1998.

CONFERENCIA de los Inspectores de Italia. *El salesiano coadjutor*. Quito: Don Bosco, 1967. 75 p.

CONSTITUIÇÃO dos Salesianos de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesiana, 2001, p. 45

DI PIETRO, M. S. Z. *Direito administrativo e desenvolvimento local*. São Paulo: Atlas, 1999.

DOWBOR, Ladislau. *O que é poder local*. Disponível em <http://ppbr.com/ld/artigos.asp> em mar de 2003

ELIZALDE HEVIA, A. Desarrollo a escala humana: conceptos y experiencias. In: Revista Internacional de Desenvolvimento Local. In: *Interações*, n.1, Campo Grande-MS: UCDB, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.

KLIKSBERG, Bernardo. *Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo*. Revista de la CEPAL, n. 69, Santiago-Chile: CEPAL, dez. 2000. p. 85-102

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Ordem local como força interna de desenvolvimento. In: *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local* (01), Campo Grande-MS: UCDB, setembro de 2000.

MAILLAT, D. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. In: *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, vol. 3, n. 4. Campo Grande-MS: UCDB, 2002.

MAX-NEEF, M. A. Desarrollo a escala humana, 1996. In: Carpio Martín, José. *Desarrollo local para un nuevo desarrollo rural*, Madrid: Departamento de Geografía Humana, UCM, 2000.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE, A. y HOPENHAYN, M. *Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro*. Uppsala: CEPUR; Fund. Dag Hammarskjöld, 1996.

MICHAELIS. *Dicionário moderno*. Dicionário da Língua Portuguesa. Ampl. e Atual. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

MISSIONI DON BOSCO. Milão: Editorial, 2001

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Municipalização do ensino, debate e conjuntura*. In: Fundação do desenvolvimento administrativo – Fundación para el Desarrollo Integral de Programas Socioeconomicos - FUNDAP. Guatemala, FUNDAP, 2005.

OMINAMI, Carlos. *El tercer mundo en la crisis*. Las transformaciones recientes de las relaciones Norte-Sur. Buenos Aires: Grupo Editor Latino-americano, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. FAO. 1997.

_____ . 1998

_____ . Muñoz Jiménez. 1999

PACHECO, Tania. Racismo ambiental: religião, identidade e cultura em seus múltiplos aspectos. *Proposta n. 91 do I Seminário Educação Cultura e Justiça Ambiental*, ocorrido no período de 07 e 08 de junho. Rio de Janeiro: Programa Brasil Sustentável e Democrático, 12/06/2006.

PEPS. Campo Grande: Paulo VI, 2001.

PORTUGUEZ, Anderson P. *Agroturismo e desenvolvimento regional*. São Paulo: Hucitec, 1999.

PRINCÍPIOS E NORMAS. *Ratio fundamentalis institutionis et studiorum*. 3.ed. Roma: Vaticano, 2000.

PUTNAM, Roberto D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastreiro. *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, R. La escala local del desarrollo: definición y aspectos teóricos. In: *Revista de Desenvolvimento Econômico*, ano 1, n. 1, Salvador, [s.n.], 1988.

SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S. e SZMRECSANYI, T. *Dinâmica da população: teoria, método e técnica de análise*. São Paulo: [s.n.], 1980.

SANTOS, M. *A natureza do espaço - técnica e tempo e razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 305p.

SANTOS, M. *Técnica espaço tempo - globalização e meio técnico-científico informacional*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 190p.

SANTOS, M. *Território, globalização e fragmentação*. 5.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SARDENBERG, Carlos Alberto. Capitalismo à francesa. In: *O Estado de São Paulo*, 7 de novembro de 1997, São Paulo: Impreso, 1997.

SCHUMPETER, J. A. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SOUZA, M. L. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. In: *Revista Território* (3), [S.l.]: [s.n.], 1992. p. 14-35

VÁSQUEZ BARQUERO, A. Desarrollo económico: flexibilidad en la acumulación y regulación. In: *Desarrollo local: una estrategia de creación de empleo*. Madrid: Pirámide, 1988.

VELTZ, P. *Economie global et réinvention du local*. Marsella: Datar, 1995.

VERHELST, T.G. *O direito à diferença: Identidades culturais e desenvolvimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

VIGANÓ, E. Presentación en el Sistema Preventivo hacia el tercer milenio. In: *Actas de la XVIII semana de Espiritualidad de la familia salesiana*. Roma: [s.n.], 1995.

VIOLA, Andreu (comp.). *Antropologia del desarrollo*. Teorías y estudios etnográficos en América Latina. Barcelona: Paidós Ibérica S.A., 2000.

WAGNER, F. O homem e o meio ambiente. In: *Nova Antropologia de Gadamer e Vogler*. [S.l.]: [s.n], 1977. p. 2

YARED, J. *Interdisciplinaridade e sistema preventivo: Sonho – Realidade*. Lorena-SP: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1995.

APÊNDICE

APÊNDICE – A

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO ALVO

1. Desde quando conhece o trabalho desenvolvido no Paulo VI?
 - 1.1. Como vê a formação dos jovens e adultos nesta Obra?
 - 1.2. Participou de algum grupo? Como foi o envolvimento e trabalho?
 - 1.3. Os salesianos formam uma a solidariedade?
2. Como é a participação da Paróquia?
 - 2.1. Participa de algum grupo? Qual e como é o trabalho?
 - 2.2. Como é a formação religiosa?
3. Como é o trabalho do Oratório?
 - 3.1. Participou alguma vez do Oratório? Como foi a experiência?
 - 3.2. Como vê o trabalho de formação desenvolvido no Oratório?
4. Estudou na escola Rui Barbosa?
 - 4.1. Como é a participação dos jovens e professores?
 - 4.2. Como é a formação para a solidariedade na escola?
5. Pontos positivos
6. Pontos negativos.